



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

CÁTIA MARA SOARES GARCÊZ RIBEIRO

**A PROPOSTA DE EDUCAÇÃO DA TE-ARTE QUE SUBJAZ AO
DOCUMENTÁRIO “SEMENTES DO NOSSO QUINTAL”: NARRATIVAS DE UMA
EXPERIÊNCIA VIVIDA**

**RONDONÓPOLIS – MT
2019**

CÁTIA MARA SOARES GARCÊZ RIBEIRO

**A PROPOSTA DE EDUCAÇÃO DA TE-ARTE QUE SUBJAZ AO
DOCUMENTÁRIO “SEMENTES DO NOSSO QUINTAL”: NARRATIVAS DE UMA
EXPERIÊNCIA VIVIDA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Departamento de Educação do Instituto de Ciências Humanas e Sociais – Câmpus Universitário de Rondonópolis – MT da Universidade Federal de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Dra. Elni Elisa Willms

RONDONÓPOLIS – MT
2019

Catálogo na Publicação
Biblioteca Central – UFMT

R484d

RIBEIRO, CÁTIA MARA SOARES. A PROPOSTA DE EDUCAÇÃO DA TE-ARTE QUE SUBJAZ AO DOCUMENTÁRIO “SEMENTES DO NOSSO QUINTAL”: NARRATIVAS DE UMA EXPERIÊNCIA VIVIDA / CÁTIA MARA SOARES RIBEIRO. -- 2018 62 f.: il. color.; 30 cm.

Orientadora: ELNI ELISA WILLMS. TCC (graduação em Pedagogia) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Rondonópolis, 2018. Inclui bibliografia.

1. Educação Infantil. 2. Brincar. 3. Infância. 4. Te-Arte. I. Título.

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Título: A proposta de educação da Te-Arte que subjaz ao Documentário “Sementes do nosso quintal”: narrativas de uma experiência vivida

Cátia Mara Soares Garcêz Ribeiro

CÁTIA MARA SOARES GARCÊZ RIBEIRO

**A PROPOSTA DE EDUCAÇÃO DA TE-ARTE QUE SUBJAZ AO
DOCUMENTÁRIO “SEMENTES DO NOSSO QUINTAL”: NARRATIVAS DE UMA
EXPERIÊNCIA VIVIDA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Departamento de Educação do Instituto de Ciências Humanas e Sociais – Câmpus Universitário de Rondonópolis – MT da Universidade Federal de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia

Professora Dra. Elni Elisa Willms

Instituição: UFMT Assinatura: _____

Professora Dra. Eglen Pipi Rodrigues

Instituição: UFMT Assinatura: _____

Professora Especialista: Simone de Paula Rocha Souza

Instituição: CEFAPRO Assinatura: _____

RONDONÓPOLIS – MT ____/____/____

Dedico este trabalho aos meus filhos Izabela, Pedro Henrique e Hanabela que estiveram ao meu lado em todo processo de aprendizagem e ao meu marido e companheiro de vida Régis, que nunca mediu esforços para propiciar o acesso à educação para todos nós.

AGRADECIMENTOS

Ao grandioso Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades enfrentadas durante este percurso.

À Universidade Federal do Mato Grosso, seu corpo docente, direção e administração, que me oportunizaram concluir com qualidade a graduação.

À querida Professora e Orientadora Dra. Elni Elisa Willms, que sempre me orientou com seriedade, ética e afetividade, quesitos essenciais para a elaboração deste trabalho.

A todos os professores que fizeram parte desta minha jornada, em busca do conhecimento.

À Educadora Tereza Soares Pagani (Therezita), pela oportunidade de conhecer a Te-Arte e poder relatar minhas experiências ali vividas.

À minha avó paterna Francelina Alves Ribeiro (*in memórian*) fonte de sabedoria, amor e dedicação à família e também inspiração para esta escrita.

Aos meus pais Valvede José Ribeiro e Carmelina Soares Garcêz, que me deram a vida e acreditaram que, o sonho da graduação seria possível.

Ao meu marido e companheiro de vida Reginaldo Souza Oliveira (Régis), que me incentivou e fortaleceu desde a escolha do Curso, acreditando na minha capacidade e também se fazendo presente em todos os momentos.

Aos meus filhos por toda compreensão e apoio diante das dificuldades, por estarem sempre ao meu lado, sonharem o meu sonho e serem a razão da minha superação e busca contínua, para ser um ser humano melhor.

Aos meus irmãos por fazerem parte da minha vida.

À minha irmã Carmem Lígia, que sempre me ajudou nos momentos difíceis, me auxiliou nos cuidados com os meus filhos desde pequenos e sempre me incentivou em relação à graduação.

Aos meus sobrinhos Matheus e Benício que alegam as nossas vidas.

Às minhas amigas do Curso de Pedagogia Cristiany, Patrícia, Amanda e Renata, por toda cumplicidade, força e apoio tornando meus dias mais alegres.

E a todos os familiares e amigos que acreditaram, torceram e fizeram parte direta ou indiretamente desse percurso.

Jamais atingiremos diretamente o vivido. Só temos acesso a ele pela mediação das histórias. Quando queremos nos apropriar de nossa vida, nós a narramos.

Delory-Momberger

RESUMO

O propósito principal deste trabalho foi de apresentar e analisar o cotidiano de uma escola de Educação Infantil, intitulada Te-Arte, da educadora Tereza Soares Pagani, a Therezita, localizada em São Paulo/SP, fazendo uma ponte com o que é registrado e apresentado no “Documentário Sementes do Nosso Quintal”, da Cineasta Fernanda Heinz Figueiredo. Trata da experiência vivenciada de maneira extracurricular desenvolvida pela graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso-MT, nos dias 18, 19 e 20/06/2018. A pesquisa descreve uma proposta de educação bastante diferente, com foco na educação orgânica, contato com o meio ambiente e respeito à criança e à infância, tendo como idealizadora e educadora Tereza Soares Pagani. Os teóricos que fundamentam a pesquisa são da área da infância e do brincar. Metodologicamente utiliza-se da abordagem qualitativa, com foco nas narrativas de si, tendo como instrumentos para coleta de dados as narrativas das vivências e experiências na Te-Arte. Conclui-se que estar na Te-Arte possibilitou à pesquisadora vivenciar, sentir e registrar vários momentos de respeito à criança; conhecer uma realidade de uma escola onde as famílias fazem parte de todo desenvolvimento dos seus filhos, preocupados com a saúde física e mental e toda a responsabilidade que a eles compete. Perceber a valorização das pessoas mais velhas, a importância dos seus saberes e da cultura popular. Narrar essa experiência é a contribuição da graduanda na condição de pesquisadora, para com a Educação Infantil.

Palavras – Chave: Educação Infantil. Brincar. Infância. Te-Arte.

Lista de Imagens

FOTO 01- Graduandas Eliane, Patrícia e Cátia na recepção da Te-Arte

FOTO 02- Entrada da Te-Arte

FOTO 03-Portão de Entrada da Te-Arte

FOTO 04- Rampa de entrada/acesso da Te-Arte

FOTO 05-Rampa de entrada/acesso da Te-Arte

FOTO 06- Casinha de madeira na Te-Arte

FOTO 07- Casinha suspensa com escada e escorregador da Te-Arte

FOTO 08- Imagem ilustrativa da Pinhata

FOTO 09- Imagem ilustrativa da Pinhata

FOTO 10- O Músico Tião

FOTO 11- Eliane, Patrícia e Cátia com Therezita Pagani

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFMT - Universidade Federal de Mato Grosso

CUR - Câmpus Universitário de Rondonópolis

MT - Mato Grosso

Dra. - Doutora

RCNEI Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil

DCNEI Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil

ABNT Associação Brasileira de Normas Técnicas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	METODOLOGIA	25
3	O DESPERTAR PARA A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR	28
3.1	O Projeto Brinquedoteca	29
3.2	O “Documentário Sementes do Nosso Quintal”	30
3.3	Narrativas da ida para São Paulo/SP: superação e conhecimento	33
3.4	A chegada na Te-Arte: vivências e aprendizados	34
3.5	Vivências e aprendizados...	37
3.6	A Participação da Família na Te-Arte	43
3.7	As Regras na Te-Arte	47
4	Conhecer a Therezita...	50
5	Considerações Finais	55
	REFERÊNCIAS:	59
	APÊNDICE	61

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa trata das vivências e experiências de uma graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso/CUR, em uma escola de Educação Infantil, localizada em São Paulo/SP, a Te-Arte. A pesquisa faz uma ponte entre o que é registrado e apresentado no “Documentário Sementes do Nosso Quintal”¹, da Cineasta Fernanda Heinz Figueiredo e a experiência da graduanda de dois dias de imersão na escola.

Trata da experiência vivenciada de maneira extracurricular. O trabalho descreve uma proposta de educação bastante diferente com foco na educação orgânica, contato com o meio ambiente e respeito à criança e a infância, tendo como idealizadora a Educadora Tereza Soares Pagani, a Therezita.

Buitoni (2006) descreve todas as possibilidades de uma educação orgânica, de acordo com o que é vivido na Te-Arte:

Liberdade, sensação, brincar, expressar, experimentar, olhar, mexer. Ar livre. Degraus e árvores. Rampas e pontes. Limites, limite. Sessenta crianças num quintal/jardim/pomar conhecendo o mundo e se conhecendo. Conhecendo seu próprio corpo. Um espaço no qual o corpo é vivido, nas delicadezas, nas durezas, nas asperezas, nas sutilezas dos toques, dos sons, dos cheiros, dos gostos. Cinco sentidos, sete sentidos, quantos mais houver, para viver e sentir: terra, plantas, comida, bichos gente grande e gente pequena, água e fogo. Música. Tambores e cantos. Festas, muitas festas: porém comemorações vivenciadas em cada pequeno ritual. Não há festas protocolares para comemorar datas do calendário. As crianças vivenciam a significação do que está sendo festejado. Teatro, pintura, desenho, histórias(p. 41).

Nessa perspectiva, o trabalho teve como objetivo geral fazer uma narrativas vivências no cotidiano da Te-Arte, para a compreensão da proposta de

1 SEMENTES do nosso quintal. Direção Fernanda Heinz Figueiredo. São Paulo, Brasil. Documentário. Color, 118 minutos, 2012. Folder de divulgação disponível em https://videocamp-prod-us.s3.amazonaws.com/uploads/movie_exhibition/support_material_pt/000/000/130/130/Sementes_pr ess.pdf Acesso em 06/03/2019.

educação que subjaz ao Documentário e também para uma melhor assimilação de como acontece essa proposta de educação.

Do que será apresentado no decorrer do trabalho, é importante ressaltar a oportunidade de conhecer e dialogar com a idealizadora da Te-Arte, Therezita.

Inicialmente apresenta o memorial da trajetória de vida pessoal e escolar da pesquisadora: suas vivências com a avó paterna, em Itiquira- MT, vivências estas que se difundem com o que foi experienciado na Te-Arte. O trabalho foi organizado em três capítulos.

O primeiro capítulo traz a metodologia utilizada para pesquisa. Metodologicamente utiliza-se da abordagem qualitativa, com foco nas narrativas de si, tendo como instrumentos para coleta de dados as narrativas das vivências e experiências na Te-Arte. Apresenta também os teóricos que dão embasamento para a pesquisa.

O segundo capítulo explica como aconteceu o despertar para a importância do brincar. A importância da Disciplina de Fundamentos e Metodologias da Educação e o estudo de documentos que regulamentam a Educação Infantil, no Brasil e autores que fundamentam a infância e o brincar. Integra-se também a este capítulo, a valia da participação e vivências do Projeto de Extensão da Universidade Federal do Mato Grosso, a Brinquedoteca. Para finalizar o capítulo, traz ainda a relevância do “Documentário Sementes do Nosso Quintal”, da Cineasta Fernanda Heinz Figueiredo, para a escolha da pesquisa.

O terceiro capítulo aborda as narrativas da ida para São Paulo/SP, com todas as dificuldades, aprendizados e superação. A chegada na Te-Arte, o que significa estar na Te-Arte, as vivências e aprendizados. A participação da família na Te-Arte, como acontece, as dificuldades enfrentadas e a responsabilidade das famílias diante da educação e infância dos seus filhos. As regras na Te-Arte, suas complexidades e seriedade. Por fim o que foi conhecer a Therezita, o diálogo, a emoção e as reflexões.

As considerações faz um apanhado sensível e reflexivo de todo o caminho percorrido pela pesquisa, desde a escolha do tema, busca de cada capítulo realçar as contribuições da experiência vivida e escrita de si, para pesquisa e para a pesquisadora como pedagoga em formação e pessoalmente.

MEMORIAL

Uma vida de aprendizados e sonhos em construção

Nasci em Itiquira/MT, Cidade localizada no interior do Estado de Mato Grosso, no dia cinco de agosto do ano de 1981, sou a primeira filha de cinco irmãos. Na verdade, sou a única filha da união do meu pai com a minha mãe. Sempre foi uma confusão explicar tal situação. Nasci da união do meu pai Valvede José Ribeiro e minha mãe Carmelina Soares Garcêz, no entanto, meus pais se separaram e constituíram novas famílias, tendo mais dois filhos cada um. Meu pai em seu segundo casamento teve dois filhos, o Victor Hugo e o Valvede Júnior e minha mãe em seu segundo casamento também teve duas filhas, a Carmem Lígia e a Cathiusse.

Minha infância, doces recordações...

Eu nunca pensei que meus vividos guardavam um tesouro. Hoje, após as leituras para a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso eu compreendo que:

Os escritos que fazem a narrativa da vida, em suas múltiplas formas (biografias, autobiografias, diários, correspondências, memórias, etc.), constituem desse modo, o material privilegiado para se ter acesso à forma como os homens de uma época, de uma cultura, de um grupo social, biografam sua vida. (DELORY-MOMBERGER, 2014 p.36).

Recordo-me da minha infância a partir dos meus cinco anos de idade, morávamos minha mãe, meu pai e eu na casa dos meus avôs paternos. Minha mãe trabalhava como telefonista, meu pai como taxista e eu ficava aos cuidados dos meus avôs.

Para desenvolver este trabalho, me questionei porque eu lembrava justamente a partir dos cinco anos, a resposta foi engraçada, porque foi aos cinco anos que deixei de mamar no peito de minha mãe! A partir de então me recordo dos desentendimentos entre minha mãe e meu pai, e minha avó sempre me acalmando. Quando completei seis anos meus pais se separaram, minha mãe saiu de casa, foi trabalhar em uma fazenda, de cozinheira e eu, como no próximo ano começaria meus estudos, fiquei com meu pai e meus avós na cidade. Depois de um tempo

minha mãe voltou a morar na mesma cidade e a partir de então passei a conviver com todos. Todos me enchiam de mimos e cuidados, acredito que eles não queriam que eu sofresse com a separação, mas eu sofri.

Brincava muito com meus primos, viajava com meu pai e minha avó, sempre ia visitar uma tia que morava em Cuiabá/MT, a tia Leila. Lá eu aproveitava para fazer vários passeios e brincar. A maior parte do tempo eu ficava com minha avó, ajudava ela nas costuras, gostava de separar os retalhos para ela fazer tapetes e colchas. Os trabalhos dela eram perfeitos e tínhamos orgulho em dizer que já tinha sido vendido até para o “estrangeiro”. São saberes que, infelizmente, eu não aprendi.

Minha avó era bastante cuidadosa, estava sempre preocupada se eu iria me machucar. Por isso nunca fui de fazer muitas estripulias com as brincadeiras. Hoje lembrando, percebo que poderia ter brincado, aproveitado mais toda aquela liberdade de ser criança, em uma cidade calma do interior. Mesmo assim brinquei bastante com os primos, já tinha vários com a mesma idade e vizinhos. Era muito bom! Quando havia algum desentendimento com os colegas, logo tinha que se retratar, pois não ninguém queria deixar de brincar.

Nesse sentido, Friedmann (1992) pondera:

[...] Brincar é coisa séria, também, porque na brincadeira não há trapaça, há sinceridade, engajamento voluntário e doação. Brincando nos reequilibramos, reciclamos nossas emoções e nossa necessidade de conhecer e reinventar. E tudo desenvolvendo atenção, concentração e muitas outras habilidades (p.35).

Não fui para a pré-escola, creche ou jardim de infância, acredito que meus pais não achavam uma boa opção. No entanto, mesmo antes de frequentar a escola, já era incentivada a aprender, por meio das leituras feitas pela minha avó e pelos desenhos que fazíamos juntas no chão do quintal da sua casa, embaixo de enormes mangueiras.

Minha avó tinha por hábito fazer uma leitura sempre antes de deitar. Isso acontecia no descanso de depois do almoço e a noite para dormir. Recordo-me de um dos livros que ela mais gostava, ele era pequeno, tinha capa azul, intitulado Minutos de Sabedoria. Algumas vezes ela lia para mim, outras vezes ela dizia que a mensagem não era para criança. Eu achava linda essa disciplina dela com a leitura, era como se fosse uma etapa para o seu descanso.

Minha avó pedia para que eu desenhasse o que eu havia sonhado, os animais que eu gostava e meus colegas, mas eu gostava mesmo de desenhar eram casas e árvores, a casa sempre quadrada e as árvores cheias de frutas.

E assim, mesmo sem me ensinar o alfabeto ou me apresentar os números, minha avó já me alfabetizava, por meio daquilo que eu utilizava no meu dia a dia como brincadeiras, vivências e curiosidades, me alfabetizava, mesmo sem um método específico.

Acredito que dessa maneira, já acontecia a educação não-formal, como explica Gohn (2006):

[...] Na educação não-formal, as metodologias operadas no processo de aprendizagem parte da cultura dos indivíduos e dos grupos. O método nasce a partir de problematização da vida cotidiana; os conteúdos emergem a partir dos temas que se colocam como necessidades, carências, desafios, obstáculos ou ações empreendedoras a serem realizadas; os conteúdos não são dados a priori. São construídos no processo [...] (p. 31-32).

Nesse período meu pai que era taxista, em uma de suas viagens a trabalho, trouxe-me de presente um pequeno quadro negro com giz e apagador, a partir de então, quase todos os dias no período da tarde chamava meus vizinhos, a Livia, que hoje se tornou minha comadre e amiga de uma vida, e seus irmãos Carpegiane e Lúbia, menores que nós, para brincarmos de escolinha. Livia e eu, como éramos mais velhas fazíamos o papel das professoras, quase sempre o da Professora Clarinda, que também era nossa vizinha e tínhamos muito medo da sua fama de má, pois, andava com uma enorme régua de madeira, segundo ela, para manter a ordem e disciplina na sala de aula.

A ida para a escola

Aos sete anos de idade fui para escola. A escola tinha o nome de Escola Municipal Anfilóbio de Souza Campos e essa fase foi tranquila, gostava dos colegas de sala, da estrutura que o prédio nos oferecia e principalmente da minha professora, da qual me recordo com carinho, Marlei.

Recordo-me da forma lúdica com que a professora nos ensinava que era a de libertar todas as letrinhas do alfabeto, uma de cada vez, de um castelo feito com cartolinas, que ficava na parede da sala de aula. Cada letrinha que libertávamos

daquele castelo, era um conhecimento a mais, uma sensação incrível de liberdade junto às letras.

Meu pai me auxiliava nas atividades para casa, todo empolgado com o meu aprendizado. Recordo-me do dia em que a minha tarefa era sobre a consoante M, meu pai dizia “EME” e eu teimava dizendo que a professora tinha ensinado que se pronunciava “MA” e que ela nunca tinha dito esse tal “EME”. Meu pai ria e também se estressava com a minha teimosia. Saudade!

No período entre a primeira e a quarta série, não tive problemas de adaptação ou de aprendizagem, pois tinha somente um professor por ano e estudava o mesmo conteúdo a aula toda. Quando cheguei à quinta série tudo mudou, passei a ter oito professores, um para cada disciplina, com quatro aulas por dia, com duração de 45 minutos. Foi bem difícil, muitas vezes não conseguia copiar todo conteúdo da lousa e a professora da próxima aula chegava e apagava tudo.

Uma das coisas que mais me lembro dessa época era o exagero de conteúdos a serem copiados, em sala de aula, a quantidade de atividades que fazíamos em casa e o tanto que decorávamos respostas enormes, exatamente como a professora passava. Quando não conseguíamos fazer as atividades para casa ou copiar tudo que estava escrito na lousa, ficávamos sem intervalo, como forma de castigo.

Diante disto, acredito que tal forma de educação se encaixe na Pedagogia Tradicional, assim como esclarece Libâneo (2006):

[...]É comum nas nossas escolas atribuir-se ao ensino a tarefa de mera transmissão de conhecimentos, sobrecarregar o aluno de conhecimentos decorados sem questionamento, dar somente exercícios repetitivos, expor externamente a disciplina e usar castigos[...] (p. 65).

Em casa, a postura tradicional continuava, pois meu pai me incentivava a fazer inúmeros cadernos de caligrafia, ele dizia que independente da profissão a seguir, era necessário ter uma letra bonita. Com isso, com o passar do tempo, as pessoas sempre relacionavam minha letra com a de uma professora, e eu, mesmo sem entender, gostava.

Sempre tive afinidade com a Disciplina de Língua Portuguesa. Acredito que além do incentivo familiar, em relação à leitura, tive também ótimos professores, como a Professora Malu da quinta série, que me indicou as leituras, “A Viuvinha” e

“Cinco minutos”, do autor José de Alencar. Foi a primeira vez que entrei em uma papelaria e livraria para comprar livros. Vi vários outros livros com temas, autores e capas lindíssimas. Fiquei encantada. Em compensação não gostava de Matemática, acreditava que todos os meus professores usavam os mesmos métodos de ensino, e estes, eram sem nenhuma criatividade.

Este fato me faz refletir sobre a fala de Alarcão (2011), quando escreve que a escola tem a função de preparar cidadãos, mas não pode ser pensada apenas como tempo de preparação para a vida. Ela é a própria vida, um local de vivência, de cidadania.

Aproveitei bastante minha adolescência, andei de bicicleta, joguei muita bola, principalmente voleibol, brinquei na rua com meus colegas e vizinhos, participei de gincanas e jogos escolares, conversei bastante com meus colegas e principalmente andei muito de patins pelas ruas, essa sem dúvida era a atividade que eu mais gostava de fazer.

Demorei para concluir o Ensino Médio, pois, nesse período me casei e tive minha primeira filha, Izabela. É complicado estudar tendo que cuidar de criança, passar noites sem dormir, faltar à escola para cuidar deles quando ficam doentes. Na verdade o foco principal deixou de ser os estudos, para ser o cuidado daquela vida que acabava de chegar e precisava completamente dos meus cuidados. Eu que não tinha maturidade nem para cuidar de mim, no entanto, eu sabia que a responsabilidade era nossa, minha e de meu marido, de cuidar dos nossos filhos. Foi um período bem complicado da minha vida. Três anos depois tive meu segundo filho, Pedro Henrique e no ano seguinte, minha filha Hanabela.

Aprendendo e superando as dificuldades

Fiquei alguns anos me dedicando à família. Em 2004, meu marido foi transferido de trabalho, para a Cidade de Alta Floresta, onde moramos por quatro anos. Foi um período difícil em nossas vidas, pois nunca tínhamos nos afastado das nossas famílias, sentimos muito a falta de todos, no entanto, foi nesse afastamento que fortalecemos nossa estrutura familiar e aprendemos a lidar com as mais diversas situações. Foi uma oportunidade de muito aprendizado e amadurecimento para todos nós. Foi naquele momento, só nós, sem nenhuma intervenção familiar,

que provamos que éramos capazes de construir e escrever dignamente a nossa história.

Éramos um casal jovem, imaturos descobrindo as responsabilidades, dores e conseqüências de se constituir uma família tão cedo. Sonhos e planos ficaram para depois, tínhamos naquele momento a responsabilidade de cuidar de três crianças da melhor maneira possível. Nossos filhos sempre foram muito saudáveis e espertos e isso nos enchia de orgulho.

Por opção nossa, nossos filhos não foram para creche, então, eu ficava em casa o tempo todo com eles. Meu marido trabalhava em uma fazenda e nos víamos nos finais de semana, e na maioria das vezes íamos para a fazenda, para as crianças aproveitarem o espaço e a liberdade. Na fazenda eles se sujavam muito, corriam, brincavam com outras crianças que ali moravam e saiam completamente da rotina que tinham durante a semana. Era uma alegria.

Um tempo depois minha irmã do meio Carmem Lígia, que sempre foi muito apegada a todos nós, foi passear em Alta Floresta e decidiu morar conosco. Temos uma cumplicidade de vida. Naquele momento, ela me ajudou e auxiliou com os meus filhos e hoje, eu a ajudo com os filhos dela, já que é bem complicado para a mulher ter uma jornada de trabalho de oito horas por dia, fora de casa. Meus sobrinhos são o Matheus de oito anos, que fica comigo diariamente, no período da tarde, já conhecido como meu companheirinho e o Benício (Bê) de dois anos que veio para alegrar ainda mais nossas vidas.

Nesse período, para não ficar desatualizada, fiz alguns cursos profissionalizantes, como informática e atendimento ao público, mas aguardava ansiosa à hora de poder voltar para perto da minha família.

Em 2008 mudamo-nos para Rondonópolis/MT, gostei muito, pois estava novamente perto de todos, esqueci de mencionar que a família do meu marido também era de Itiquira/MT, sendo assim, com a proximidade entre os municípios, meus filhos, assim como eu, teríamos a oportunidade de convivermos com os primos, tios e principalmente com os avôs, pois acredito que esse convívio, seja a página mais doce, sensível e amável de nossas vidas.

Fiz o Curso Técnico em Segurança do Trabalho, desenvolvi alguns projetos, mas meu sonho e minha meta sempre foram à graduação.

Com os filhos crescidos, a vida organizada e com incentivo do meu marido e filhos, decidi que iria me preparar para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Comecei a ler sobre atualidades, por meio de revistas, redes sociais, tentando entender o cenário político do nosso país. Aprendi muito auxiliando meus filhos nas tarefas para casa, pois nesse momento minha filha mais velha, Izabela também se preparava para o ENEM. Conversávamos muito, principalmente sobre o tema da tão temida redação.

O ingresso na Universidade: o início de um sonho adormecido

Fiz o ENEM em 2014 e quando saiu o resultado, percebi que minha nota dava para tentar uma vaga na Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). Estava próximo de realizar um sonho de infância. Como sempre tive admiração pelos educadores, principalmente na Educação Infantil, optei então, pelo Curso de Pedagogia.

Foi um momento único ver meu nome na lista dos aprovados, foi como se algo me dissesse: “Vá lá e mostre do que você é capaz!” Mas, as notícias boas não pararam por aí, minha filha que havia feito o ENEM junto comigo, também conseguiu uma vaga na UFMT, para o Curso de Ciências Econômicas. Gratidão a Deus para descrever esse momento, gratidão por todas as dificuldades superadas, por todo aprendizado de vida, por entender que com cumplicidade, respeito e amor, nossos sonhos aos poucos vão tomando forma e se tornando realidade.

E assim, fizemos tudo juntas, providenciamos a documentação para a matrícula, buscamos informações sobre a Universidade, compramos nossos materiais. Foi e está sendo uma experiência única e indescritível.

O ingresso da minha filha e o meu foi no ano de 2015. No ano de 2018, meu filho do meio, Pedro Henrique, também iniciou os estudos na UFMT, no Curso de Engenharia Agrícola e Ambiental e exatamente neste momento de escrita, minha filha caçula Hanabela acaba de saber que passou para o Curso de Zootecnia na mesma Universidade.

Quanto orgulho! Gratidão a Deus, à vida por nos oportunizar vivenciar esses acontecimentos na vida dos nossos filhos.

O Curso de Pedagogia

Surpreendo-me cada vez mais com o Curso de Pedagogia, com as várias metodologias de ensino, com a necessidade de aprender a entender o outro em suas diferenças.

No entanto, logo de início senti as dificuldades que um longo período fora da sala de aula pode trazer. A princípio não tive dificuldade de interação com o grupo e com os professores, mas, em relação à compreensão das leituras e a escrita, tive muita dificuldade. Na verdade, fiquei apavorada e até pensei em desistir do Curso.

Logo no primeiro ano vieram também as dificuldades com a tecnologia, formatação de trabalhos, compreensão da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), pesquisas, produção de textos com citação e uso da tecnologia na Universidade. Era tudo novo para mim, até então eu era uma administradora do lar, que não precisava utilizar quase nada dessas ferramentas.

Com o passar do tempo, com as leituras e debates em sala, fui percebendo que essas dificuldades citadas não eram exclusivamente minhas e que várias colegas estavam na mesma situação e isso me fortaleceu. Diante disto, aprendemos a ajudar umas às outras, cada uma com sua dificuldade e peculiaridade também em ensinar, pois, antes de sermos graduandas ou profissionais, somos seres humanos, mães, esposas, donas de casa, cheias de dificuldades em busca de nos tornarmos melhores, em busca de uma formação, que nos propicie mais dignidade, mas, nem sempre é fácil.

Foi no Curso de Pedagogia que aprendi a verdadeiramente respeitar as diferenças, pois, hoje percebo que o que eu considerava respeito, na verdade estava cheio de preconceitos velados. Aprendi o verdadeiro significado da palavra “alteridade”, a qual tem feito diferença no meu cotidiano e também tenho repassado aos meus filhos. Sempre falo que se eu não conseguir ser uma profissional da área da educação, uma mãe melhor eu me torno a cada dia.

Penso que todas as pessoas deveriam ter a oportunidade de estar em uma Universidade pública, pois amplia os conhecimentos acerca da vida, do outro, da nossa história. Temos uma dimensão muito maior sobre todos os acontecimentos e tudo que envolve o ser humano. Tem sido um grande aprendizado para mim e tenho refletido muito sobre que tipo de ser humano fui, sou e serei depois de tudo que

tenho vivenciado. Tudo isso é um grande e longo processo de educação que para além de mim, atinge algumas pessoas à minha volta.

Quando penso em me tornar um ser humano melhor e uma profissional responsável, é impossível não lembrar o pensamento humanista de Paulo Freire, na obra “Pedagogia da Autonomia”, quando ele afirma que:

Saber que devo respeito à autonomia, à dignidade e a identidade do educando e, a prática, procurar a coerência com este saber, me leva inapelavelmente à criação de algumas virtudes ou qualidades sem as quais aquele saber vira inautêntico, palavreado, vazio e inoperante. De nada serve, a não ser para irritar o educando e desmoralizar o discurso hipócrita do educador, falar em democracia e liberdade, mas impor ao educando a vontade de arrogante do mestre. FREIRE (2010, p. 36).

Os conteúdos estudados e a forma como são abordados na Universidade têm me desconstruído a cada dia. Percebo que aquela forma tradicional (antiga) e ultrapassada já não atende às necessidades dos estudantes. Tenho pensado muito na questão reflexão, da valorização das diferentes culturas, da necessidade de ver o outro na sua individualidade, de entender seu contexto de vida, ações estas, que antes de chegar à Universidade não julgava necessárias.

Aos poucos percebo que as disciplinas, os autores e nossos professores conversam entre si, de forma que as ideias vão se organizando e tomando sentido. Desconstruo-me a cada aula, a cada texto lido, a cada intervenção do professor em sala de aula, como são ricos os relatos de fatos vividos de cada um, parece que estou descobrindo um novo mundo. Como é gratificante poder me colocar no lugar do outro, me permitir olhar as situações de vários ângulos e compreender que a minha verdade não é absoluta. Que eu consiga ter embasamento teórico e crítico para desenvolver um trabalho onde teoria e prática caminhem lado a lado, colaborando com uma educação crítica e reflexiva.

2 METODOLOGIA

O método de pesquisa utilizado neste trabalho é de abordagem qualitativa, com foco nas narrativas de si, tendo como instrumentos para coleta de dados as narrativas das vivências e experiências na Te-Arte.

As pesquisas qualitativas que acontecem por intermédio das vivências, das narrativas e das observações, têm como foco principal descobrir e incentivar o pesquisador a pensar e a refletir sobre o que está sendo pesquisado. Como ressalta Bondia (2002) “O que vou lhes propor aqui é que exploremos juntos outra possibilidade, digamos que mais existencial (sem ser existencialista) e mais estética (sem ser estética), a saber, pensar a educação a partir do par experiência/sentido” (p.20).

De acordo com Delory-Momberger (2014) “Cada um representa sua existência segundo trajetórias e construções diferentes que integram as restrições, os valores, as dinâmicas ou o peso de seu meio sócio profissional” (p.37). Para esta pesquisa foi fundamental a escrita de si, para situar o leitor sobre quem é o autor da pesquisa e sua trajetória de vida. Como pondera a autora acima: “É a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossa vida; é ela, enfim, que dá uma história a nossa vida: *não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história; temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida*”. (p.35-36. Grifos da autora).

O desejo de pesquisar e desenvolver um estudo sobre a Te-Arte surgiu depois de assistir ao “Documentário Sementes do Nosso Quintal”, o qual retrata o cotidiano de uma casa de recreação em São Paulo/SP, a Te-Arte. Aquelas imagens, as crianças brincando remeteram a autora à sua infância e ao quintal da casa de sua avó. A partir de então a mesma procurou saber mais sobre aquela proposta de educação.

Para Bondia (2002):

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que nos toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada acontece. Dir-se-ia tudo o que se passa está organizado para que nada aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso

munho. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. (p.21).

Para Bondia (2002) “O saber da experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana” (p.26). É exatamente isso que a autora buscou quando decidiu vivenciar tudo o que já havia visto e lido sobre a Te-Arte. Quis experimentar, considerando assim, o que Schwartz (2010) corrobora quando afirma que “a experiência é formadora (desde que tenhamos condições de poder refletir sobre ela [...])” (p.36). Considerando também o que explica Passegi (2011) que “ao narrar a sua própria história, a pessoa procura dar sentido às suas experiências e, nesse percurso, constrói outra representação de si: reinventa-se” (p.147). Exatamente assim, uma busca de sentido e muitas reflexões acerca da experiência vivida.

Do ponto de vista metodológico, ainda que brevemente, foram estes os autores que sustentaram a pesquisa: Delory-Momberger (2014), Bondia (2002), Passegi (2011) e Schwartz (2010) os quais de forma clara e objetiva deram aporte teórico para a metodologia, que é qualitativa com ênfase nas narrativas, escrita de si, memorial e toda vivência/experiência descrita na pesquisa e também para a importância da experiência formadora. A seguir estão os autores que sustentaram a pesquisa do ponto de vista bibliográfico.

Friedmann (1992) que aborda e contribui para os estudos sobre o brincar e a Brinquedoteca. Gohn (2006) que traz a fundamentação da educação não formal e suas características. Libâneo (2006) que retrata o modelo de Pedagogia Tradicional. Paulo Freire (2006) que fundamenta a importância do respeito à autonomia, a dignidade e a identidade do educando. Cunha (1994) que fortalece os objetivos a serem desenvolvidos pelas brinquedotecas. Ferreira-Santos (2014) que contribui para a escrita que detalha o “Documentário Sementes do Nosso Quintal” e também aborda a concepção de educação da Te-Arte. Ostetto (2007) que dá embasamento teórico sobre como acontece o pedagógico. Falk (apud Hevesi 2011) que trata sobre os cuidados e o respeito com a criança. Vygotsky (apud PIMENTEL 2007) que dá aporte teórico a respeito dos jogos regados e suas contribuições. Gouvêa & Greier (2017) que descrevem de forma minuciosa a entrevista com a idealizadora da Te-Arte, Therezita. Perdigão (2010) que fundamenta a entrevista com a Therezita detalhando a passagem do tempo e Alarcão (2011) que aborda a questão da função da escola.

Como aporte teórico foi utilizado também o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil RCNEI (BRASIL, 1998 vol. I e II) que regulamenta a Educação Infantil no Brasil.

As principais inspirações para o desenvolvimento da pesquisa se deram com Willms (2013), e sua tese de doutorado *Escrevivendo*, que retrata suas vivências e experiências na Te-Arte, fundamentada e enriquecida com os poemas de Guimarães Rosa. Também Buitoni (2006) com o livro “De Volta ao Quintal Mágico”, que aborda a volta a Te-Arte depois de dezoito anos, fazendo um alinhavo entre passado e presente, registrando todas as vivências e também entrevistas com quem já fez parte da Te-Arte.

Ainda do ponto de vista metodológico, o “Documentário Sementes do Nosso Quintal” foi o gatilho disparador de muitas reflexões, indagações e curiosidades que terminaram por levar a pesquisadora até a Te-Arte, em São Paulo/SP, para uma espécie de pesquisa de campo, ainda que de caráter extremamente rápido: foi fundamental ver para crer que é possível outra proposta de pensar e fazer Educação Infantil.

Foi utilizado também anotações do caderno de campo da graduanda, na condição de pesquisadora, com anotações das suas vivências enquanto esteve na Te-Arte e também da conversa com a Therezita.

3 O DESPERTAR PARA A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR

São tantas as reflexões feitas a partir das aulas e diálogos feitos em sala de aula que chegam a dar um nó em meus pensamentos. Sempre me questioneei sobre qual a verdadeira importância do Curso de Pedagogia para minha vida e se era esse o caminho que gostaria de seguir. Fiquei bastante confusa. Cobrava-me o tempo todo algo que fizesse sentido para as minhas vivências e minhas expectativas como graduanda, as quais eu ainda não sabia explicar.

No terceiro ano do Curso, na Disciplina de Fundamentos e Metodologias da Educação Infantil, sob a orientação da Professora Dra. Elni Elisa Willms é que me encantei com o brincar. Tive a oportunidade de conhecer vários autores da Pedagogia da Infância como Froebel, Dewey, Montessori, Freinet, Vygotsky, Malaguzzi documentos como Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (RCNEI) e Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI) que regulamentam a Educação Infantil no Brasil.

Os documentos que regulamentam e amparam a Educação Infantil no Brasil, assim como grande autores, também tiveram relevante importância para que eu me interessasse pelo tema a ser pesquisado.

De acordo com o RCNEI (1998, vol. I) é preciso que tenhamos uma compreensão da criança em sua particularidade, sua interação, suas brincadeiras, suas atitudes e palavras. Muitas vezes as crianças expressam muito do que vivem, por meio das brincadeiras.

As crianças possuem uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio. Nas interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhe são próximas e com o meio que as circunda, as crianças revelam seu esforço para compreender o mundo em que vivem. As relações contraditórias que presenciam e, por meio das brincadeiras, explicitam as condições de vida a que estão submetidas e seus anseios e desejos. (BRASIL, 1998, vol. I, p.21).

A educação é um meio importante, para que haja uma equidade social, é preciso respeitar o processo individual de cada criança, levando em consideração seu contexto de vida e seus conhecimentos.

De acordo com Pinazza, baseado nos estudos sobre Dewey a educação é:

[...] é um processo de vida, e não uma preparação para a vida futura
 [...] Além disso, identifica a democracia e a liberdade como o processo individual de pensar inteligentemente, que só pode ser efetivado mediante uma educação que valorize o indivíduo e suas experiências pessoais [...]. (2007, p.81)

Foram essas leituras e estudos que me levaram a conhecer o Projeto de Extensão da Brinquedoteca.

3.1 O Projeto Brinquedoteca

No ano de 2017 comecei a participar de um Projeto de Extensão da Universidade, intitulado Brinquedoteca, sob a orientação da Professora Dra. Elni Elisa Willms. Nesse Projeto, as crianças são recebidas e brincam livremente em um amplo período de tempo e também possui encontros para estudos sobre a infância e o brincar. O Projeto me fez refletir sobre o brincar livre e o respeito ao tempo, a singularidade de cada criança. Conforme consta no RCNEI (BRASIL, 1998, vol. I)

As crianças possuem uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito próprio. Nas interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhes são próximas e como meio que as circunda, as crianças revelam seu esforço para compreender o mundo, em que vivem, as relações contraditórias que presenciam e, por meio das brincadeiras, explicitam as condições de vida a que estão submetidas e seus anseios e desejos. (BRASIL, 1998, vol.II, p.21).

A Brinquedoteca possibilitou-me a aproximação das vivências, que acontecem no interior do espaço educativo, evidenciando-se também um cenário para reflexão sobre o campo complexo da docência, bem como suas implicações.

Considerando que o brincar traz no lúdico o simbolismo do real, e isso é importante, para que a crianças desenvolvam sua autonomia, e por meio da interação entre elas, possam expressar o seu aprendizado.

Ao brincar, as crianças também estão aprendendo, desenvolvendo a criatividade, a capacidade, e o respeito por si próprio e pelo outro. Aprendem também a controlar suas ansiedades, medos e emoções, por intermédio de uma representação simbólica do meio, ao qual ela está inserida, como esclarece Cunha (2007, p. 23), “[...] a criança traduz o mundo dos adultos para a dimensão de suas

possibilidades e necessidades, as crianças precisam vivenciar suas ideias em nível simbólico, para poderem compreender seu significado na vida real.”

Consequentemente, o brincar se faz necessário, para que a criança desenvolva elementos importante tais como; a imaginação, a repetição, a originalidade, e a oralidade, fatores estes que auxiliarão no seu desenvolvimento social, cognitivo, e afetivo, uma vez que ao representar brincando, aquilo que ela entende por mundo, assimilará noções básicas de ordem, sequência, tamanho, quantidade, capacidade e limitações.

O brincar possui características importantes que marcam o desenvolvimento da criança. Brincando ela desenvolve sua capacidade de percepção, consegue fazer relações, cria situações variadas quando deixa fluir a sua imaginação.

Por meio da leitura do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), pode-se entender que:

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. (BRASIL, 1998, v. 2, p. 22).

Considero a Brinquedoteca um espaço de possibilidades tanto para a criança quanto para o adulto que queira, por meio de estudos e da observação compreender um pouco mais desse mundo encantador do brincar.

Para Friedmann (1992), a Brinquedoteca:

É um espaço preparado para estimular a criança a brincar, possibilitando o acesso a uma grande variedade de brinquedos, dentro de um ambiente especialmente lúdico. É um lugar onde tudo convida a explorar, a sentir, a experimentar. Quando uma criança entra na brinquedoteca deve ser tocada pela expressividade da decoração porque a alegria, o afeto e a magia devem ser palpáveis [...] (p.36).

A Brinquedoteca da UFMT tem exatamente as características acima citadas, além de ter a participação de voluntários que realmente são comprometidos com as crianças e o brincar.

Segundo Cunha (1994), as Brinquedotecas visam desenvolver os seguintes objetivos:

- Proporcionar um espaço onde a criança possa brincar sossegada, sem cobranças e sem sentir que está atrapalhando ou perdendo tempo;
 - Estimular o desenvolvimento de uma vida interior rica e da capacidade de concentrar a atenção;
 - Estimular a operatividade das crianças;
 - Favorecer o equilíbrio emocional;
 - Dar oportunidade à expansão de potencialidades;
 - Desenvolver a inteligência, a criatividade e a sociabilidade;
 - Proporcionar acesso a um número maior de brinquedos, de experiências e de descobertas;
 - Dar oportunidade para que a criança aprenda a jogar e a participar;
 - Incentivar a valorização do brinquedo como atividade geradora de desenvolvimento intelectual, social e emocional;
 - Enriquecer o relacionamento entre as crianças e suas famílias;
 - Valorizar os sentimentos afetivos e cultivar a sensibilidade.
- (CUNHA, 1994, p. 14-15).

A Brinquedoteca a qual participo sempre sofre mudanças, em relação à organização de espaço e também na diferenciação da arrumação dos brinquedos, para estes poderem estar sempre propícios à criatividade, mesmo daquelas crianças que em outro momento já estiveram na Brinquedoteca. Presenciei uma criança que já conhecia o espaço dizendo “Nossa! Tá tudo diferente agora!”. Acredito que seja esse o papel da Brinquedoteca.

3.2 O “Documentário Sementes do Nosso Quintal”

Também na disciplina de Fundamentos e Metodologias da Educação Infantil, sob a orientação da Professora Dra. Elni Elisa Willms, tive a oportunidade de assistir e conhecer o Documentário intitulado “Sementes do Nosso Quintal”, o qual mostra o dia a dia de uma Escola de Educação Infantil, a Te-Arte, com uma proposta de educação bastante diferente dos moldes tradicionais de ensino, idealizada pela Educadora Thereza Soares Pagani (Therezita).

Fernanda Heinz, ex advogada e atualmente cineasta, possui um apego especial por essa escola, pois a frequentou no início da década de 70. Posteriormente, decidiu documentar o espaço que suas filhas também passaram a frequentar.

Nessa escola, as crianças aprendem com a arte, a natureza, literatura, música e cultura popular brasileira. Fiquei encantada e curiosa a respeito daquele

modelo de educação. O Documentário é uma obra maravilhosa, que retrata verdades de um cotidiano rico em detalhes, em dedicação e tempo, como descreve Ferreira-Santos (2014):

Foram necessários 04 anos de capacitação de imagens no cotidiano da escola resultando em mais de 400 horas de material bruto. Outro aspecto importante da direção do filme: nenhuma experiência desta seria exitosa sem o respeito pelo outro e pelo ambiente da escola. Respeito e cuidado apreendidos, como afirma a diretora do filme, Fernanda Heinz, na própria escola. Outro elemento importante para compreensão da obra e da experiência: a diretora foi aluna da Te-Arte em seu início, nos meados da década de 70 [...] (p.77).

O Documentário trouxe-me uma memória afetiva muito forte de bons momentos vividos, em minha infância e decidi pesquisar mais sobre o assunto.

Desde então, surgiram várias reflexões a partir do que vi no Documentário, presenciei nos diálogos, em sala de aula, e li nos textos. Conversei com a Professora Doutora Elni sobre meu interesse em desenvolver o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre o tema abordado no Documentário, já que este me fez sentir algo diferente, e ela prontamente me sugeriu outras leituras pertinentes ao tema, em especial o livro “De volta ao Quintal Mágico”, de Dulcília Schoroeder Buitoni (2006), o qual relata vários episódios vividos na Escola Te-Arte e me fez compreender um pouco mais sobre como funcionava essa proposta de educação tão original.

Li também a Tese de Doutorado “Escrevivendo” de Elni Elisa Willms (2013), a qual relata vivências e experiências na Te-Arte. Fiquei encantada em saber que a minha Professora esteve naquela escola e ainda desenvolveu pesquisas sobre aquela proposta de educação e o brincar. E ainda conhecia a Therezita!

Pesquisando sobre o “Documentário Sementes do Nosso Quintal” e o livro “De Volta ao Quintal Mágico”, descobri que a autora do livro e a diretora do Documentário havia sido alunas da Te-Arte na década de 70, seus filhos também frequentaram a Te-Arte e hoje elas acompanham filhos e netos, na mesma trajetória de vida, de vivências e aprendizados na Te-Arte. São relatos fortes de muitas vivências pautadas na sensibilidade e no respeito de si mesmo e ao próximo.

Li o livro e enquanto fazia a leitura eu ficava me lembrando do Documentário, das imagens, das situações vividas, dos momentos mágicos e de aprendizagem ali vividos. Estava sempre comentando sobre fatos mostrados no

Documentário, até que um dia a Professora Doutora Elni me perguntou se eu não tinha interesse em conhecer a Escola Te-Arte e a sua idealizadora Therezita Pagani em São Paulo/SP. A princípio achei muito difícil, considerando que nunca tinha feito uma viagem tão longe sozinha. Os dias foram passando, a vontade de ir foi aumentando.

Então, conversei com uma amiga que também tinha interesse em pesquisar sobre o brincar, a Patrícia, sobre irmos a São Paulo/SP conhecer a Te-Arte. Ela assim como eu, mãe e dona de casa, também achou complicado ir, mas, deixou amadurecer a ideia e um tempo depois decidiu que iria comigo. Quanta ansiedade, quanto medo, quanta insegurança. Quando fomos pesquisar e nos organizar para a viagem, descobrimos que outra colega, a Eliane também iria pesquisar sobre o brincar e se interessou em ir conosco, para conhecer a tão esperada escola.

3.3 Narrativas da ida para São Paulo/SP: superação e conhecimento

A princípio foi feito todo um agendamento por meio de ligações tratando sobre possíveis datas com a Renata Perin, considerando que a Te-Arte recebe visitantes, estudiosos e pesquisadores de diversos lugares do Brasil e até do exterior. A Patrícia ficou encarregada de fazer o contato com a Te-Arte com o auxílio da Professora Doutora Elni. É bom ressaltar que antes desse agendamento a Professora Doutora Elni já havia conversado com a Therezita sobre o nosso interesse de irmos conhecer a Te-Arte e ela prontamente autorizou. Eu, Patrícia de Oliveira Silva e Eliane depois de decidirmos que iríamos mesmo conhecer a escola, ficamos um bom tempo pesquisando sobre valores de passagens, estadias, distâncias, foi bem tenso.

Nenhuma de nós havia viajado para longe sem a família e principalmente de avião. Foi um rompimento com o meu cotidiano. Eu estava pesquisando uma viagem para outro estado, de avião, com amigas e para conhecer e depois relatar algo relacionado à minha formação. Foi um rompimento de barreiras que me impulsionou a pensar, algumas vezes, que tais possibilidades não seriam para mim. Muita emoção!

Era muito grande a vontade de conhecer tudo aquilo que vi no Documentário e posteriormente li no livro. As pessoas não entendiam tamanha

ansiedade para conhecer algo que parecia tão simples. Assisti ao Documentário várias vezes e também chamava minha família para assistir, todos estavam envolvidos, meu marido e meus filhos estavam completamente envolvidos nesse Projeto. Vale ressaltar que com todas as dificuldades, as despesas da viagem foram pagas por nós, sem nenhum custeio da Universidade.

No dia 17/06/2018 embarcamos para São Paulo/SP. Foi para mim um misto de sentimentos por vários motivos. O primeiro é que era a primeira vez que não levava meus filhos, em uma viagem, o segundo a insegurança de ir para tão longe e alguma coisa não dar certo, considerando que vôos, aeroportos, check-in eram todas palavras novas para minha vida e o terceiro motivo era a emoção de conhecer a idealizadora da Escola Te-Arte, Therezita Pagani.

3.4 A chegada na Te-Arte: vivências e aprendizados

Imagem 01- Cátia, Eliane e Patrícia – Recepção da Te-Arte



Fonte: Arquivo pessoal Cátia Mara - 2018

Na segunda feira, dia 18 do mês de junho de 2018, em uma manhã gelada, chegamos a Te-Arte. Estava completamente emotiva. Não parecia verdade que iria conhecer tudo aquilo que tinha visto no Documentário e no livro, parecia ser um sonho. Na hora em que cheguei à frente da entrada da Te-Arte fiquei um tempo observando aquela fachada de madeira, envolvida em plantas e aquele portão com o nome Te-Arte entalhado em madeira bem na minha frente.

Muita emoção e medo de adentrar àquele portão que por tantas vezes eu havia visto no Documentário e nas imagens do livro.

É importante ressaltar, conforme Willms (2013) que:

A Casa de Recreação Te-Arte é particular, concebida e dirigida pela Educadora capixaba Thereza soares Pagani, a Therezita -82anos

completos em agosto de 2013. Existe desde 1975 e se distingue por não ter sala de aula, nem professores por turma e nem divisão de crianças por faixa etária, uma vez que trabalha o brincar e elementos da cultura popular num quintal de terra batida com muitos desafios para explorar, muitas plantas, árvores frutíferas, flores e alguns animais domésticos. [...] (p.19).

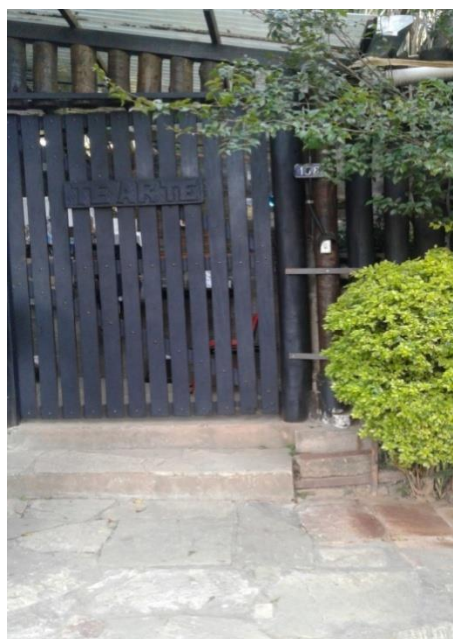
O meu sonho de conhecer a Te-Arte e tudo aquilo que ela significava estava bem na minha frente. Era de verdade!

Foto 02 - Entrada da Te-Arte



Fonte: Arquivo pessoal Cátia Mara – 2018

Foto 03 – Entrada da Te-Arte



Fonte: Arquivo pessoal Cátia Mara - 2018

Naquele dia, tinha uma senhora bem alegre e sorridente recebendo as crianças que ali chegavam, a Fátima, a qual nos recebeu muito bem enquanto também descascava alguns dentes de alho. Ao entrar, em um terreno bastante irregular, acidentado, como se fosse um morro, começamos a subir uma rampa, a qual me recordo de ter visto no Documentário, a Therezita subindo lentamente com auxílio de um andador e interagindo com as pessoas a sua volta. Ao redor da rampa estava cheio de plantas e objetos simbólicos de variadas culturas. Nesse primeiro dia a Therezita não estava na Te-Arte e quem nos recebeu e nos deu algumas instruções foi a Renata Perin, que trabalha há muito tempo na Te-Arte e é a coordenadora e braço direito da Therezita. Tanto a Renata, quanto a Professora

Doutora Elni nos deixou bastante claro que a nossa presença ali não era para observar, mas sim para participar.

Como pondera Willms (2013):

A Te-Arte tem suas especificidades e uma delas é a de quem entra lá é para mergulhar inteiramente no cotidiano, ou seja, não é possível ficar de fora apenas observando. É uma verdadeira iniciação que pode afetar profundamente a pessoa, convidando-a mudar. [...] (p.107).

A Renata explicou para nós três, Eliane, Patrícia e eu – algumas poucas regras e nos liberou para participar com as crianças.

Detalhando a Te-Arte, começo por Buitoni (2006):

[...] Uma escola que respira a arte, apesar de à primeira vista parecer um simples quintal de casa do interior. Onde está o material de arte? Os lápis e os pincéis, a argila? Onde estão as máscaras teatrais, se o que vemos é muita planta, um chão de terra batida, areia, água? [...] (p.17).

A simplicidade da Te-Arte é encantadora e ao mesmo tempo muito complexa. Ficava imaginando como poderia um espaço tão natural propiciar tamanha liberdade e aprendizado para as crianças, ao mesmo tempo que propicia para os adultos tantos estudos e pesquisas acerca da infância, do brincar, do contato com a natureza.

Foto 04- Rampa de entrada da Te-Arte



Fonte: Arquivo pessoal Cátia Mara - 2018

Foto 05- Rampa de entrada da Te-Arte



Fonte: Arquivo pessoal Cátia Mara - 2018

3.5 Vivências e aprendizados...

Parecia ser fácil, era só participar, interagir. Mas não foi. Fiquei sem ação. Quanto mais observava a interação dos adultos com as crianças, menos eu sabia o que fazer. Eu tinha acabado de participar de um estágio, em que os adultos propunham as atividades e interagiam com as crianças, separadas por idade, em uma sala que, às vezes abria a porta um pouquinho para não dispersar a atenção das crianças. De repente me vi em um espaço enorme, com um terreno todo acidentado, com crianças de diferentes idades. A princípio não conseguia entender como poderia dar certo.

Estavam todos em constante movimento. Havia crianças no tanque de areia fazendo um castelo com potes de margarina usados e pedaços de brinquedos que davam para pegar a areia e montar o castelo, saliento aqui que na Te-Arte todos os brinquedos são frutos de doações. Adultos e crianças estavam sentados, pois é regra que no tanque de areia fiquem todos sentados e descalços. Tinha outra turma de crianças na parte superior do terreno, onde é chamado de campinho. Lá aconteciam as brincadeiras recreativas que dependiam de mais espaços, como corrida do saco, futebol, dentre outras. Como narra Willms (2013):

Um brincar depois do outro, uma conquista depois da outra, um degrau depois do outro, esses instantes vividos vão se tecendo enquanto as vidas das crianças vão bebendo e se alimentando desses eventos reais vividos corporalmente. Uma embriaguez de vida em movimento [...] (p.211).

Tudo sob a supervisão de um adulto, o qual esclarecia as dúvidas das crianças, a respeito das regras do jogo e também dialogava com as crianças sobre diferentes temas. No espaço mais ao lado estavam algumas crianças ajudando um adulto a tratar das galinhas, já que na Te-Arte também tem um espaço onde ficam alguns animais domésticos como galinhas, coelhos e até pato.

Conforme relatos de pesquisas de Buitoni (2006):

A criança precisa de um ambiente o mais “natural” possível. Natural, aqui, não é uma nostalgia de natureza, o recriar de uma chácara para que a criança tenha contato com plantas e animais. Natural é não ter atividades prefixadas, é não ser obrigado a sentar numa carteira durante duas horas [...] (p.15).

Tudo isso acontecendo e eu ali andando de um canto para o outro sem conseguir interagir com ninguém. Fui ficando sem jeito! Foi quando resolvi me sentar no tanque de areia e interagir com as crianças que ali estavam. Deu certo. Logo em seguida uma menina começou a conversar comigo, perguntando de onde eu era e o que eu estava fazendo ali. Eu respondi e ela me chamou, me puxando pela mão, para ver uma coisa. Fomos para a parte de baixo, logo na entrada da Te-Arte, onde ficava uma sala para recepção e também era ali que aconteciam as aulas de letrinhas, que é um encontro com algumas atividades pertinentes ao cotidiano e fatos relacionados à criança, como nomes de familiares ou sobre alguma comemoração que a criança estiver participando.

Nesse dia era sobre a festa junina que haveria na escola. Nesse momento que fui com a criança até esse espaço estava acontecendo um ensaio para festa junina. Nada parecido com os ensaios tradicionais que já presenciei. A Renata que era quem organizava o ensaio me convidou para participar e eu aceitei. Acontecia mais ou menos assim: eram escolhidas as crianças que fariam determinados papéis, como delegado, noivo, noiva, mãe da noiva, dentre outros. Mas, não era decidida a fala desses personagens, era a criança quem imaginava e falava, conforme seu conhecimento. Foi bem divertido, fiz o papel da mãe da noiva. As crianças fizeram falas e gestos muito engraçados, principalmente o delegado e o noivo que faziam uma longa explicação sobre o porquê de não haver casamento. Com essa experiência e vivência eu pude perceber e agora posso afirmar: As crianças são capazes. Nós adultos que preferimos dar um texto pronto para reprodução.

Na Te-Arte as crianças não têm uma hora exata para chegarem, já que as atividades não são pré-estabelecidas. O horário de chegada das crianças fica a critério dos pais, já que alguns moram distante da escola e outros possuem horários diferenciados de trabalho. A escola recebe às crianças a partir das 7h00min da manhã até o meio dia.

Presenciei uma criança de dois anos de idade descendo de costas e de quatro se apoiando com as mãos no chão, em um espaço cheio de degraus. Quando vi isso eu corri para ajudá-la e uma das pessoas que ali trabalhava disse assim: “Ele está desenvolvendo a confiança, você só deve oferecer ajuda se ele pedir. Se ele não pedir, é porque ele não precisa”. Fiquei perplexa observando aquela criança tão pequena descendo de um lugar aparentemente tão perigoso.

Enquanto a criança descia, um adulto ao lado dizia as seguintes palavras: “Limite e cuida do seu corpo”. Quando a criança chegou à parte de baixo, concluindo a sua passagem pelo perigo, todos os adultos chamaram as crianças para parabenizar a conquista do colega. Uma criança que estava ao meu lado me contou que já tinha tentado algumas vezes a travessia, mas que por ser muito pequeno sempre pedia ajuda de um adulto.

Para mim, foram muitas as reflexões sobre tal situação vivenciada. Reflexões não só como estudante de Pedagogia, mas também como mãe e ser humano que sou. Pensei naquele momento: “Porque muitas vezes me sinto tão incapaz, ou porque tenho tanto medo de tentar?” Aprendi naquele momento que se não der certo, assim como aquela criança, eu só preciso pedir ajuda e tentar quantas vezes for preciso até conseguir e não há nenhum problema nisso. Esse tempo para aprender é algo válido tanto para a criança quanto para mim, adulta. Aprendi que não preciso saber tudo, que não preciso ficar constrangida, por não saber.

Na Te-Arte as crianças aprendem desde muito cedo algumas palavras, de forma bem firme e também repletas de reflexões. São palavras que os adultos dizem e as crianças automaticamente pensam a respeito. As que eu mais ouvi foram: **atitude, perigo, bobajada, limite e cuida do seu corpo.**

Diante disto, as crianças aprendem que elas têm responsabilidades com suas atitudes. Como descreve Willms (2013):

Cada criança refaz um instante de eternidade. Cada criança pode experimentar tudo que ali há. Tem liberdade para ir a quase todos os lugares, para não participar de uma atividade se não quiser. É certo que há limites e aprende-se convivendo a pôr limite naquele que está chegando, por exemplo, com o gesto de segurar no braço daquele que provocou algo desagradável: “Limite! Não gostei! Atitude!” Palavras que aos poucos vão sinalizando corporalmente, para o outro, quando ele ultrapassou um limite, quando faltou respeito ao espaço, e, quase sempre, ao corpo – do outro. (p.224).

Quando uma criança faz algo que desrespeita o colega, um adulto próximo chama as crianças envolvidas e pede para aquele que foi desrespeitado que tenha “atitude” e dê “limite” ao colega. Vi várias vezes as crianças maiores em tais situações. E quanto à expressão bobajada, ela foi criada pela Therezita e é utilizada quando a criança faz algo considerado feio, desnecessário ou desrespeita o colega.

O ambiente na Te-Arte é bastante calmo considerando a quantidade de crianças que são recebidas ali. Os adultos estão sempre atentos à movimentação das crianças, divididos entre as várias partes da escola. Eles possuem uma relação de interação, de respeito entre eles e também com as crianças. Estão sempre prontos a tirarem uma dúvida, a contar uma história ou somente ouvir aqueles que tanto têm para contar. Não ouvi nenhum grito, nenhuma fala grosseira ou imposição dos adultos para com as crianças.

Percebi um profundo respeito e participação entre todos, como descreve Buitoni (2006) ao mencionar o comportamento dos adultos:

[...] Eles conduzem, orientam, desfazem situações de conflitos. Todavia sua atitude não é repressora ou de proibição. Eles mostram, perguntam, conversam. A atitude também não é passiva, de ficar sentado olhando: é muito participante, de pôr a mão na massa o tempo todo (p.175).

Na Te-Arte o livre é completamente supervisionado. O simples é encantador. O cuidado é respeitoso e a vida é valorizada. Lá as situações são extremamente verdadeiras, assim como vi no Documentário e li no livro. As crianças brincam, sentem, aprendem e se sujam. Não existe aquele momento de deixar todos limpinhos, para os pais verem que as crianças estão bem cuidadas, como vivenciamos em nossas escolas no estágio.

Na Te-Arte as crianças brincam no chão, na areia, com barro, criam, cuidam dos animais. Elas vivem como explica Buitoni (2006, p.75): “Não existem hipocondríacos cuidados corporais; não há a obsessão pela limpeza a qualquer custo: a convivência com uma certa “sujeira” ajuda a criar anticorpos”.

Instigada pela proposta de trabalho utilizada na Te-Arte, recordei-me de um material estudado da Ostetto que afirma que o pedagógico acontece na observação, na afetividade, no perceber e compreender de cada movimento, em cada ação e interação das crianças, na sua particularidade. Não precisa ser com prazo determinado, lugar específico e atividade com resultado pré-estabelecido.

Conforme explica Ostetto:

O pedagógico, então, não está relacionado somente àquelas atividades coordenadas ou dirigidas pelo educador, realizadas geralmente na mesa, com todas as crianças, envolvendo materiais

específicos – em geral papel, lápis, caneta...-, e que resultam num produto “observável” (2007, p.192).

E nas vivências na Te-Arte pude perceber o quanto é real essa forma acima citada de acontecer o pedagógico.

Para Buitoni, a Pedagogia utilizada na Te-Arte tem uma forma completamente diferente de acontecer, baseada na responsabilidade, respeito e afetividade com o outro. Tem a ver com um compromisso com a infância e com os adultos que aquelas crianças um dia se tornarão. Na capacidade que as crianças têm de aprender por meio do real. Conforme descreve Ferreira-Santos (2014):

Uma concepção de educação que privilegie o alinhavo entre a razão reflexiva e a sensibilidade inerente ao humano em direção às transformações sociais possíveis e as mudanças desejáveis em nosso cotidiano, tem um compromisso ancestral com a narração de si mesmo. (p.72).

Na Te-Arte não tem um cronograma a seguir, as crianças são autoras do seu aprendizado, vivendo. Elas olham e ajudam a cuidar dos animais, sobem e descem em uma escada que dá acesso à casinha feita de madeira, molham e colhem verduras na pequena horta. As crianças também testam seus limites, andando em uma corda sobre o tanque de areia ou subindo em um poste de madeira, até alcançar a mão no topo. Para essas últimas atividades, as crianças estão sempre acompanhadas pelo Eduardo, que possui formação em Educação Física e também é pai na Te-Arte. As crianças estão por todo canto, na hora do preparo do almoço sempre tem uma criança ajudando a socar o pilão. Elas interagem com tudo. Se quiser dar um cochilo, também têm colchões para a criança descansar, pensar, sonhar.

Nesse sentido Buitoni (2006) pondera que:

Brincar, criar, crescer – os verbos infantis por excelência. Para desenvolver o pensamento, é melhor ver como o besouro anda ou voa do que ser treinado a procurar ícones com um mouse. “Nessa faixa etária não são necessários professores explicadores; apenas adultos que favoreçam o exercício sensorial”. (BUITONI 2006, p.274).

Havia crianças por toda parte, fazendo as mais diferentes atividades, vivendo, se descobrindo, experimentando.

Foto 06- Casinha de madeira na Te-Arte



Fonte: Arquivo pessoal Cátia Mara - 2018

Foto 07 – Casa suspensa com escada e escorregador na Te-Arte



Fonte: Arquivo pessoal Cátia Mara - 2018

Os cuidados com a crianças acontecem de forma muito respeitosa na Te-Arte. Presenciei os adultos sempre chamando a criança pelo seu nome. Por várias vezes vi um adulto abaixando para falar com a criança olhando-a nos olhos. Para os cuidados com o corpo da criança, há sempre um diálogo, no sentido de poder tocar o corpo da criança e passar-lhe confiança, desde o auxílio para ir ao banheiro, a troca de fraldas dos bebês. É importante que a criança confie em quem está lhe prestando cuidados. Na Te-Arte esse cuidado existe.

Como também pondera Hevesi, apoiada nos estudos sobre Falk (2011):

Desde a primeira infância, as crianças necessitam que a educadora se preocupe com elas que lhes fale, não apenas nas horas de cuidados, mas também durante os outros momentos do dia. As crianças a procuram com o olhar, depois com sinais cada vez mais variados de acordo com a idade: pedem a atenção da educadora com a qual tenham uma relação pessoal durante o cuidado. Mas, para a educadora, isso significa uma tarefa difícil, pois tem de dividir a sua atenção entre a criança de quem está cuidando e as outras crianças do grupo (p.55).

O diferente nos cuidados na Te-Arte, além do respeito, é que as crianças são incentivadas a aprenderem a se cuidarem, não é só pegar e fazer pela criança. É importante que a criança aprenda a cuidar do seu corpo.

3.6 A Participação da Família na Te-Arte

Para Therezita a participação dos pais é de suma importância na educação das crianças, considerando que essa participação e apoio dos familiares fortalecem os laços afetivos e a confiança da criança. Therezita pede para que os pais participem da Te-Arte antes mesmo de deixarem seus filhos, para que conheçam todo o espaço e como funciona. É importante a participação de toda a família, irmãos, avós. Como relata Buitoni (2006):

A relação da família com o espaço da Te-Arte é fundamental. A criança está crescendo e começando seu processo de desligamento da família quando vai para a escola. Não é só a mãe que tem que se relacionar com a escola; precisa ir o casal, que representa o elo em que a criança está firmando para alçar vôo [...]” (p.65).

Vivenciei a participação dos pais nos momentos em que estive na Te-Arte e fiquei muito surpresa com a interação e cumplicidade que existe entre pais e a Te-Arte. Não é só levar, buscar e perguntar como a criança se comportou. Os pais entram, conversam com as pessoas que ali trabalham, interagem com outras crianças, já que quase todos se conhecem, perguntam pelos projetos em andamento. Quando lá estive acontecia a preparação para a festa junina. A Therezita muitas vezes ficava recebendo as crianças na entrada da Te-Arte e no dia em que ela não estava todas as crianças chegavam perguntando por ela, é como se ela fosse uma avó para aquelas crianças.

Os pais se sentem à vontade para entrarem e participarem da Te-Arte. Percebi que os pais também chamavam as crianças e os funcionários todos pelos seus nomes, nada de apelidos ou tia/tio. Existe uma seriedade e respeito nos tratamentos das pessoas.

Para Therezita, não tem como desenvolver um trabalho com a criança sem a participação efetiva da família. Para Buitoni (2006, p.66) [...] “a Te-Arte não é um

lugar para depositar a criança e manter contato com a equipe apenas quando acontece algum problema”.

Durante o período em que estive na Te-Arte pude acompanhar como é celebrado o aniversário das crianças que frequentam aquele espaço. É muito diferente do que eu já havia visto. No dia do aniversário da criança a família passa o dia com ela, isso inclui pai, mãe, irmãos e avós, ou seja, todos aqueles familiares que podem estar com o aniversariante para celebrarem. Participam de todas as atividades desejadas pela criança ou grupo e registram com inúmeras fotos aquele momento.

A família fica também responsável por levar um bolo, de preferência simples, sem exageros com açúcar, pois a Te-Arte valoriza muito os alimentos saudáveis. Leva também uma travessa com várias frutas e legumes e também a tão esperada “pinhata”. A pinhata² é uma brincadeira muito usada em festas de aniversário da cultura mexicana, adaptada às comemorações da região nordeste do Brasil e da Te-Arte, onde cada família personaliza um brinquedo ou personagem favorito da criança. Na festa que presenciei foi um enorme e todo colorido trator. O meio da pinhata é cheio de brindes ou presentes, podendo ser também doces. Nesse dia ela estava cheia de brinquedos que foram entregues a cada criança.

Foi amarrada em um lugar mais alto para que a criança com um bastão consiga liberar os presentes. Todas as crianças participam, passando a vez do bastão um para o outro. Therezita explica que nesse processo a criança consegue expressar os seus sentimentos. É realmente um dia de festa. Todos participam e a alegria é contagiante, me senti como se estivesse na cena do filme “Sementes do Nosso Quintal”, quando acontece o aniversário e a festa com a pinhata.

² “PINHATA OU QUEBRA-POTE, brincadeira introduzida na Te-Arte, por um ex. aluno. Desta data em diante Therezita assumiu a tarefa das pinhatas com a reciclagem de materiais. Relembra o quebra-pote de sua infância vivida em Colatina-ES, comemorando aniversários e colheitas. O ser humano afastou-se radicalmente de suas raízes psíquicas levando-o a “perder a sua alma”. Faz-se necessário discutir o que são ritos de passagem sob o ponto de vista antropológico e psicológico apontando o papel dos símbolos nos mesmos. Os ritos de passagem se constituem na separação de uma condição anterior e na agregação à nova situação. Este novo status adquirido pelo aniversariante ou “iniciado” toma a questão do significado coletivo fundamental. Recortes de texto da Therezita, copiado do mural da Te-Arte” (II Diário de Campo, Agosto 2011, p. 43-44, apud WILLMS, 2013, p. 315)

Foto 08 – Imagem ilustrativa da Pinhata



Fonte: Imagem retirada do Google

Foto 09 – Imagem ilustrativa da Pinhata



Fonte: Imagem retirada do Google

Para acompanhar toda essa festa, teve também a ilustre presença do Tião Carvalho³, músico, compositor e dançarino. Tião é uma das figuras mais queridas da Te-Arte, vindo do Maranhão, tem um apego e muito conhecimento da cultura popular brasileira. Ele toca tambores, berimbau, percussão e também canta. Tem muito domínio dos ritmos baiano e nordestino em geral, uma vez que, por um bom tempo participou de grupos de teatro em São Paulo/SP. Nos anos 80 começou a frequentar espontaneamente a Te-Arte uma vez por semana, logo em seguida passou a ir três vezes por semana. Tião desenvolveu vários projetos voltados para cultura no Estado de São Paulo/SP. A parceria com a Te-Arte e a amizade com Therezita continuam até os dias de hoje.

³ Tião Carvalho, cantor, compositor, dançarino, ator e pesquisador. Nascido no Maranhão, radicou-se em São Paulo em 1985. Começou a se interessar pela cultura popular ainda criança, influenciado pelo pai Feliciano Pepe e assistindo a manifestações populares maranhenses, como o Bumba-meu-Boi, Tambor de Criola, Tamborinho, Bambaê, e outros. Foi influenciado também pela audição de artistas nordestinos, como João do Vale, Jackson do Pandeiro e Luis Gonzaga. Trabalhou como sorveteiro, office-boy e bancário. Professor convidado da Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo. Pesquisa feita em: <http://dicionariompb.com.br/tiao-carvalho/biografia> Acesso em 14/02/2019.

Foto 10 – Tião Carvalho com as crianças na Te-Arte



Fonte: <http://dicionariompb.com.br/tiao-carvalho/biografia>

Conheci e pude observar o quanto às crianças gostam da presença do Tião. Quando o Tião chega na Te-Arte as crianças já ficam logo a sua volta. É muita alegria! Participei de uma dança circular ao som do tambor do Tião juntamente com as crianças, que aparentemente conheciam todo seu repertório de cantigas populares. Fiquei encantada em presenciar esse momento. Senti-me parte do Documentário “Sementes do Nosso Quintal”. Em seu livro Dulcília destaca merecidamente o significado e a importância do músico Tião para a trajetória da Te-Arte: “[...] O artista do Maranhão descobria seu lado educador: “Eu ia pra tocar, mas acabava fazendo um pouco de teatro, jogava capoeira, jogava bola... Além de tudo, eu tenho uma relação muito especial com as crianças [...]”. (BUITONI, 2006, p.97).

Tião tem uma alegria contagiante. Tem uma calma que nos passa paz. Como explica Willms (2013) “E o Tião é um artista que é também um mestre! Pela música ele ensina a conviver, a ouvir, a experimentar e a interagir sem se importar para onde isso vai [...]” (p.328).

Um aprendizado com significado, uma vivência respeitosa, um conhecimento de várias culturas por meio da música. Sem discriminação. Sem imposições ao queé certo ou errado em relação às diferentes culturas e crenças. Às vezes, as crianças simplesmente caminhavam seguindo o Tião cantando, dançando, chamando outras crianças para também participarem.

É lindo de se ver! Como descreve Willms (2013):

Embora seja importante que a criança desenvolva um repertório de canções e cantigas é preciso que não seja de forma mecânica, como parte de uma rotina na hora de chegar, de ir ao banheiro, de lanche, de sair. É preciso que a atividade do cantar, por exemplo, não seja algo repetitivo e sem vivência, mas que se explore a música como outras possibilidades na relação com a natureza e o brincar [...] (p.327).

Therezita contou que Tião fazia parte da Te-Arte e que ela o considerava como um familiar, contou ainda que Tião já até trouxe sua mãe do Maranhão para conhecê-la e também a Te-Arte.

3.7 As Regras na Te-Arte

Presenciei algumas situações sobre regras e postura firme na Te-Arte que me fizeram rever vários conceitos e ideias de como é que deve acontecer a educação de uma forma séria, objetiva, concreta e verdadeira.

As pessoas que trabalham na Te-Arte tratam as crianças com muito respeito e isso vai muito além do fato de responder para criança “sim” ou “não”, eles estão sempre instigando às crianças a pensarem, refletirem sobre suas perguntas, dúvidas e ações. A postura desses profissionais transmite muita paz e serenidade ao lugar. Como descreve Ferreira-Santos (2014):

Na Te-Arte há o exercício de um olhar que enxerga e respeita o outro – independentemente de sua estatura – com uma escuta atenta. Os educadores são cúmplices desta perspectiva humanística sem pieguices. Há um cuidado constante, mas sem a interferência tagarela dos vícios docentes. Há um carinho explícito, mas firme na relação com o Ser, tanto das crianças como das famílias e entre os próprios educadores, conduzidos pelas concepções de Therezita à frente da experiência” [...]. (p.83).

Em um dos momentos em que estive no tanque de areia brincando com as crianças, estava também a Tábata, uma das colaboradoras da Te-Arte, auxiliando uma bebê de nove meses, a Valentina. Entre brincadeiras e conversas, chegou próxima à Valentina uma criança com mais ou menos cinco anos de idade e ao interagir com a Valentina ela disse assim: “Como ela é fofinha!” Tábata logo explicou para a criança, “Fofinha usamos para urso, coberta, travesseiro, não para pessoas”. A menina insistiu dizendo que a sua mãe a chama de fofinha. Tábata, olhando nos olhos da menina com um tom de voz suave, explica: “Quando chegar à sua casa

explique conforme eu te expliquei sobre a diferença de objetos e pessoas para sua mãe e se ela optar por continuar a te chamar de “fofinha” fica sendo uma regra utilizada na sua casa, não aqui na Te-Arte”. A menina concordou e continuamos a brincadeira. A professora agiu com suavidade e firmeza, ao mesmo tempo. Demarcou para a menina o papel da mãe e da escola. Muita reflexão nesse momento!

Foram várias situações diferentes e impactantes vivenciadas, mas algumas realmente me marcaram. Em um dos dias que estive na Te-Arte fiquei no portão com a Fátima, pois queria ver, conhecer um pouco mais quem eram aqueles pais que acreditavam em um modelo tão diferente de educação. Pude perceber a interação dos pais com a Te-Arte desde a chegada, considerando que muitos deles não deixavam a criança no portão, eles desciam do carro e acompanhavam a criança até a parte central da Te-Arte, cumprimentando a todos e na maioria das vezes pedindo notícias da Therezita, pois, no dia anterior ela não tinha estado na Te-Arte e todos logo sentiram a sua falta e também ficaram preocupados com a sua ausência. Afinal ela é uma senhora de 87 anos, atualmente e sua saúde pede cuidados.

Nesse dia, chegou uma mãe acompanhando seu filho de mais ou menos três anos de idade. O menino chorava muito. A mãe caminhava conversando e segurava-o pela mão. De repente o menino caiu no chão e começou a chorar mais alto, desesperadamente. Nesse momento fiquei apreensiva esperando a atitude da mãe. Normalmente, a mãe pegaria o filho no colo e o consolaria, foi o que imaginei. Mas, não foi assim que aconteceu. A mãe do menino com muita calma abaixou e disse: “Você precisa de ajuda?” Estendendo-lhe a mão. Perguntou novamente: “Você precisa de ajuda?” E o menino continuava a chorar. A mãe insistiu: “Se você precisar de ajuda eu estou aqui, tá bom?” Como se fosse mágica, o menino olhou para mãe abaixada com a mão estendida, levantou, secou as lágrimas e continuou a caminhar. São momentos assim que fortalece em mim a certeza de que essa Pedagogia utilizada na Te-Arte, com calma e paciência e com a participação e colaboração da família, pode dar certo sim.

Nesse contexto de regras, eu não conseguia imaginar como tantas crianças com idades diferentes, em um mesmo espaço poderiam dar certo. Esse contato acontece de forma em que uma criança ajuda a outra, uma criança maior auxilia a

menor, ensina e respeita. Não são divididos os espaços, mas eles se respeitam, sempre sob um olhar atento de um adulto.

Na participação das brincadeiras com regras, é impressionante como as crianças têm compreensão do que deve ser feito, desde esperar a sua vez até regras complexas. Para essas atividades, normalmente participam crianças acima de dois anos, conhecendo por meio da brincadeira, cores, formas, números e regras. As crianças maiores estão sempre lembrando como funciona a brincadeira e não deixam as crianças menores fazerem como queiram, só porque são pequenas. A necessidade da compreensão e do cumprimento das regras e dos combinados com a criança enfatiza o respeito e o ser respeitado, como pondera Pimentel, apoiada nos estudos sobre Vygotsky:

Os jogos regrados são uma fonte de aprendizagem do comportamento moral, resultando da atuação da criança na prática, e não por decorrência de uma “máxima moral abstrata que ela tenha ouvido”. Pelo desejo de manter o jogo, as crianças orientam sua conduta e relacionam-se pelo respeito às regras. Assim, a utilidade, pois possibilita exercitar, criar, inventar, experimentar uma situação específica, em que o real é construído mediante regras elaboradas pelos próprios envolvidos. O jogo torna-se um laboratório onde a criança, tal qual o cientista, pode inventar experiências para compreender a realidade, formulando hipóteses, testando-as e, assim, aprendendo. Os jogos provocam e aguçam a curiosidade, propiciando que a criança seja protagonista de investigações autônomas acerca de suas próprias potencialidades. (PIMENTEL, 2007. p.232).

Nessas brincadeiras todos participam. Eu participei da corrida no saco, dei muitas risadas, não caí, mas também não ganhei a brincadeira, percebi que não tenho a habilidade necessária. Senti-me criança. Recordei da minha infância, dos meus primos, colegas, de como era bom. Lembrei-me também das brincadeiras com meus filhos e me questionei por que não brincamos mais dessa forma.

Na Te-Arte, a brincadeira e o brincar está em nós e não na idade que temos. Entendi que não temos que voltar a ser crianças, precisamos ser adultos que brincam, que caem, levantam, perdem, continuam e dão muitas risadas de tudo isso. Nunca imaginei que precisaria ir a São Paulo/SP para brincar de corrida no saco. Compreendi que na simplicidade de brincar descobrimos muito de nós. Brinquei. Vivi. Aprendi. Senti.

4 Conhecer a Therezita...

Como já mencionado anteriormente, só de estar na Te-Arte já me causou muita emoção, mas ainda faltava aquele momento do encontro com a idealizadora de tudo aquilo, que tanto quis conhecer. Por várias vezes me peguei imaginando como seria esse encontro.

No segundo dia em que chegamos a Te-Arte, lembrando que a visita foi feita por mim e mais duas amigas, vi a Therezita encostada na parede da entrada, conversando com uma criança. Tive a impressão de já ter visto aquela cena, talvez no Documentário, mas naquele momento era completamente real. Confesso que tremi. Não de medo. Talvez de alegria, de contentamento. Ainda não sei ao certo, só sei que foi um sentimento bom.

Entrei. Cumprimentei a Therezita e me apresentei. Expliquei que era aluna da Professora Elni, nesse momento ela abriu um sorriso e disse: “Ah! ela me ligou avisando que vocês viriam”. Não aumentando a conversa pediu para que subíssemos, pois já tinham crianças brincando. A Therezita é bem direta com suas palavras, não costuma fazer rodeios.

Nesse dia a interação com as crianças foi um pouco melhor. A Therezita por ali participando de tudo, de olho em tudo. Ela conversava com uma criança, pedia para alguém olhar a outra, auxiliava na cozinha, mesmo com seus 87 anos de idade, ela não quietava um minuto.

Depois do almoço das crianças, por volta das 11h00min, quando os pais estavam buscando as crianças, Therezita acompanhada da Renata nos chamou para conversar.

Sentada à nossa frente, olhando em nossos olhos, Therezita começou a contar um pouco da sua trajetória de vida. Desde a sua infância, a família, suas brincadeiras preferidas, até a criação da Te-Arte. Fiquei impressionada com tudo que ouvi. Percebi naquela voz, hoje trêmula pela idade, uma força, uma garra, uma vontade de fazer e ser diferente, como nunca vi! Therezita tem um posicionamento muito firme e crítico sobre o mundo, sobre a vida. Defende com muita sabedoria e conhecimento a infância e todas as relações envolvidas.

Como descreve Greier; Gouvea:

Quando me pergunta a respeito da minha trajetória de vida, não posso deixar de relembrar os marcos mais importantes de minha

vida, pois foi através da minha história, dos meus diagnósticos, das minhas dificuldades e das minhas vivências que pude perceber a importância da família sólida em seus pilares para uma boa educação das crianças. Aprendi vivendo, aprendi experimentando, ajudando, buscando, estudando e descobrindo. E hoje há alguns anos as crianças que por mim passaram também puderam aprender através da investigação, da exploração e da colaboração”. (2017, p.244).

Therezita relatou que não era fácil romper com os moldes tradicionais de educação. Para ela, fazer a diferença e criar um “espaço de recreação”, como ela gosta de chamar a Te-Arte, era necessário uma grande determinação, conhecimento e parcerias que também acreditam que é possível sim, desenvolver uma educação com base no respeito à criança, ao meio ambiente, à vida. Como pondera Greier; Gouvêa⁴:

A escola precisa ser humana, respeitar, com bom senso, a criança. Criança esta que deve ser desejada desde a concepção, e não vista como mais uma coisa, terceirizando-a, já as levando para berçários desde os três meses, sendo cuidadas por pessoas que na maioria das vezes não têm preparo e conhecimento das etapas fundamentais do desenvolvimento mental, corporal e transcendental da criança” (2017, p.253).

A idealizadora da Te-Arte nos questionou por que não tivemos ação. Ação em participar. Ação em brincar. Ação em aproveitar tudo o que aquele espaço e as crianças tinham a nos oferecer. Questionou-nos como a educação acontecia nos espaços que conhecíamos. E nós explicamos que talvez a nossa falta de ação tenha acontecido justamente por causa dos modelos de educação, que tivemos quando criança e dos espaços com os quais tínhamos conhecimento hoje, enquanto graduandas de Pedagogia.

Nos espaços aos quais tivemos acesso as crianças eram separadas por idades, em salas e tinha um plano de ação pré- determinado. Por isso, por mais que estudamos sobre a Te-Arte, a participação é completamente diferente. Therezita

⁴A entrevista foi concedida para o E-Book *EduShifts – The future of education is now* que é um livro colaborativo composto por uma seleção de histórias. São ideias de 18 organizações ao redor do mundo que são líderes em alternativas educacionais. Depois de uma jornada de 6 anos, o livro conta com dicas e possíveis soluções para alguns problemas da educação. Disponível em https://www.edushifts.world/assets/ebooks/EDUshiftsNow_BP.pdf Acesso em 19/02/2019

explicou-nos que é errando que aprendemos, para isso não podemos ter medo, mas sim, conhecimento e força de vontade.

É preciso errar. É preciso ação. Só aprenderemos se tentarmos, a ação é fator determinante para o aprendizado. Temos responsabilidade com os nossos erros e também com o que aprendemos. “Firmeza nas decisões e sensibilidade para desenvolver um bom trabalho”. (Caderno de campo Cátia, 2018).

A educadora explicou ainda que, o aprendizado até mesmo de nós adultos, não acontece apenas por meio da observação, mas sim por meio da vivência, da interação, da participação e da experimentação. contei para Therezita sobre a minha experiência de brincar na corrida do saco com as crianças e o quanto foi importante para mim, até mesmo pelas memórias que aquela brincadeira me trouxe. E ela acrescentou à minha fala dizendo que as crianças não sabem brincar, movimentar, imaginar, porque o adulto responsável por elas também não sabe.

Essa fala me fez lembrar o Projeto da Brinquedoteca, onde as crianças usam todo o seu tempo para brincar, poucas perguntam o que pode fazer ou de que jeito brinca com determinado brinquedo. Depois de um tempo orientando que naquele espaço a criança pode ser o que ela quiser, elas realmente começam a brincar e são registradas várias situações inusitadas, principalmente a imaginação e criatividade no uso das fantasias e dos poliedros⁵.

Therezita relata que essa questão das crianças paulistas, crianças de metrópole não saberem brincar foi uma das inspirações para a criação da Te-Arte em 1975, lembrando que Therezita veio de uma cidade do interior do Espírito Santo/ES, Colatina, onde brincou, correu, caiu, machucou. Tudo com liberdade lembra Therezita. Também em Perdigão (2010) Therezita explica “[...] Deixa a criança brincar! Se ela brincar, ela aprende, porque ela cresce com as próprias vivências” (p.56). E quando questionada se os pais ou os filhos não sabem brincar ela responde com sinceridade e muita força:

⁵ Os poliedros são um conjunto de cerca de 50 peças – cubos de 30 cm e 50cm de aresta, paralelepípedos de 120cm x 50cm x 20cm e 100cm x 40 cm x 10cm, feitos todos de compensado, com 10mm de espessura. Foram concebidos pelo Professor Dr. Marlon Dantas Trevisan. Trata-se de um grande brinquedo confeccionado pela marcenaria da UFMT, Câmpus de Cuiabá e posteriormente foi dado o acabamento pelas turmas de 2º, 3º e 4º anos de Pedagogia, em 2014, quando cursaram as disciplinas Sociologia da Educação, Brincar e Educação e Arte-Educação, da UFMT/CUR, ministradas pelo Prof. Dr. Marlon D. Trevisan.

Nenhum dos dois. Fica um à sombra do outro: um senta, o outro senta de braços cruzados; eles têm todo um espaço orgânico – árvores, areia, barro, tinta, marcenaria, animais, tudo -, mas eles não sabem aproveitar nada. Quando esse estágio termina, e os pais decidem que o filho vai ficar na escola, eu pergunto: “Quem vai ser a pessoa que ele vai imitar como ele imitou você, sentada de braços cruzados, falando ao celular o tempo inteiro? Como é que fica o tempo dessa criança e o tempo de vocês? O de vocês acabou, não nos ensinou praticamente nada, zerou [...]” (PERDIGÃO, 2010, p.48).

Durante a conversa, Therezita mencionou também a importância da participação da família, do acompanhamento diário, das intervenções necessárias e principalmente sobre a relação baseada na verdade. Therezita relatou ainda que por várias vezes chama os pais para conversas bem verdadeiras. Assim a educadora está sempre disposta a auxiliar quando existe algum problema.

Foto 11 – Eliane, Patrícia, Cátia e Therezita Pagani na Te-Arte



Fonte: Arquivo pessoal Cátia Mara - 2018

Therezita assim como aparece no “Documentário Sementes do Nosso Quintal”, é firme, forte e verdadeira. Essa verdade hora encanta, hora assusta. Ela possui uma percepção de vida que muito me encantou, ela foi capaz de retirar de nós alguns sentimentos adormecidos, esquecidos. Estive pouco tempo com a Therezita, mas foi o suficiente para me fazer refletir sobre vários aspectos da minha vida profissional e principalmente da minha vida pessoal, como pondera Ferreira-Santos (2014) “Uma concepção de educação que privilegie o alinhavo entre a razão reflexiva e a sensibilidade inerente ao humano [...]” (p.72). Talvez seja esse o segredo: ela não ensina nada, não tem respostas prontas ou teoria exata, ela

simplesmente nos faz pensar, refletir ou até mesmo imaginar. Senti imensa alegria em conhecer uma pessoa com uma trajetória de vida tão rica em generosidade, superação e conhecimento.

Considerações Finais

O propósito principal deste trabalho foi de apresentar o cotidiano de uma escola de Educação Infantil, intitulada Te-Arte, da educadora Tereza Soares Pagani, a Therezita, localizada em São Paulo/SP, fazendo uma ponte ao que é registrado e apresentado no “Documentário Sementes do Nosso Quintal”, da Cineasta Fernanda Heinz Figueiredo, além de estabelecer algumas relações teóricas com alguns autores, que tratam do brincar e/ou da Educação Infantil que eu li durante o Curso ou especialmente para este trabalho.

Depois de conhecer o Documentário, como auxílio da minha professora e hoje orientadora, procurei mais materiais que me dessem suporte para compreender um pouco mais sobre aquela proposta de educação e também saber mais sobre quem a idealizou.

Viajei para São Paulo/SP, com recursos próprios, me aventurei ao desconhecido, para firmar em mim que tudo o que tinha visto estava dentro das possibilidades do real, considerando que muito do que vi nas cenas do Documentário, até então só tinha vivenciado nos estudos de grandes autores.

O desenvolvimento da pesquisa, o estar na Te-Arte possibilitou-me vivenciar, sentir e registrar vários momentos que dizem respeito à criança. Foram situações simples do cotidiano daquela escola que me fizeram ver a simplicidade de crianças sendo somente crianças, sem atividades pré- estabelecidas, material pronto, separadas por idade, fechadas em um espaço. Me fez refletir sobre o verdadeiro respeito às crianças e à infância.

Paralelamente a isso, conheci uma realidade de uma escola onde as famílias fazem parte de todo desenvolvimento dos seus filhos, preocupadas com a saúde física e mental e toda a responsabilidade que a elas compete. Percebi a valorização das pessoas mais velhas, a importância dos seus saberes e tudo que o conhecimento de mundo tem a ensinar àqueles tão pequeninos “aprendizes”. O músico Tião e todo seu encanto e carisma é prova da valorização da cultura popular e o respeito ao vivido.

A estrutura circular da Te-Arte, a sua construção simples e antiga, os objetos e móveis antigos, como a máquina de costura da avó de Therezita, tudo enraizado de histórias, de um tempo passado, que logo muitas crianças nem saberão que

existiram. Uma mistura de presente e passado que está em nós e constituem a nossa história.

Uma escola que valoriza o meio ambiente, a alimentação saudável, o contato e cuidado com os animais, a firmeza do corpo através dos pés descalços no piso batido de terra, da brincadeira no tanque de areia ou das quedas levadas durante as brincadeiras. Uma escola onde as crianças conhecem diferentes culturas por intermédio de danças, músicas, diferentes instrumentos e muitas histórias. Até mesmo os pais das crianças podem ir à escola apresentar ou contar algo sobre sua cultura, seja ela qual for, podendo ser até de pessoas de fora do Brasil.

Um dos pontos de maior relevância durante a pesquisa foi o encontro e a conversa com a idealizadora e educadora da Te-Arte, a Therezita. Ela é a representação de tudo aquilo que pesquisei e vivi. Therezita é uma mulher muito à frente do seu tempo, com ideias inovadoras, pautadas no respeito à infância, à criança, ao próximo e a simplicidade de existir.

As formas, as vivências, a comida, as crianças, as pessoas que ali trabalham são todas reais como no registro da Cineasta Fernanda Heinz Figueiredo, com um olhar de encanto de quem fez e vai sempre fazer parte da história daquele quintal, que por muitas vezes me lembrou o quintal da casa de minha avó, Francelina Alves Ribeiro (Dona Nenê).

Pensei em vários poemas que poderiam acrescentar à minha escrita nesse momento. Queria algo grandioso e belo para finalizar essa escrita. Li pesquisei e conclui que não existe nada maior do que as nossas mais simples vivências. Foram as simples vivências de uma infância regada de amor, principalmente de avó, que me fizeram viajar, romper barreiras, contornar dificuldades, só para constatar que um modelo de educação com base na simplicidade, na verdade e no respeito pode dar certo sim. As imagens do “Documentário Sementes do Nosso Quintal”, o livro “De Volta ao Quintal Mágico” e os relatos de experiências e vivências da tese *Escrevivendo*, foram de suma importância para fundamentarem essa viagem.

Sinto-me poeticamente representada no relato de Willms (2013):

Quanto aprendia! E quanto eu aprendo neste momento em que reparto essas confissões nesta escrita. São meus relatos, não de pesquisa com ou sobre crianças, mas da minha tentativa de entrar em contato com a ordem social infantil, esse conjunto claramente organizado. Percebo-o a cada instante, pois vivencio regras, os limites, as linguagens que fazem parte desse conjunto construído na interação entre adultos e crianças. Ambos aprendem a se relacionar

com respeito. Elas me ouvem, prestam atenção quando conto alguns detalhes do meu estado, perguntam, demonstram interesse e são educadas umas com as outras. Escutam quando um colega fala. Há claramente um aprendizado de atitudes e limites que se expressa nesses pequenos eventos aqui relatados. Por certo isso faz parte de um processo de aprendizado, que aprende a respeitar porque é respeitada. E, sobretudo, no recorte deste texto, onde há oportunidade para adultos como eu revisitarem conceitos”. (p.76).

Vivenciei, aprendi e aprendo sempre que lembro ou reflito sobre algo vivido na Te-Arte. Gostaria de ter experimentado mais. O tempo foi pouco, mas com um verdadeiro e intenso aprendizado. Identifico-me aqui com uma fala de uma professora querida da Universidade, a Professora Dra. Eglen Pipi Rodrigues, que sempre afirma na sala de aula, depois de um diálogo, estudo de um texto ou reflexão “É para vida! São aprendizados que não podem ter significado somente para vida acadêmica, para uma nota, são aprendizados para nós, para a vida!”. Caminho e compartilho esse aprendizado. Percebo que ainda faltam muitas histórias, relatos, dúvidas e inquietações a serem escritas, talvez falte também poesia nas palavras escritas, só nas escritas, porque na memória não me faltam encantamentos de tudo que experimentei vivi. Assim como Willms (2013) “[...] sabendo que não daria conta de tudo, foi por si um grande aprendizado de pesquisa [...]” (p.107).

Não trago respostas prontas, não consigo quantificar sentimentos, reflexões e aprendizados acerca de tudo que pesquisei, imaginei e vivi. Sigo com a experiência do vivido e muitas reflexões, como descreve Bondia:

Se o experimento é preditível e previsível, a experiência tem sempre uma dimensão de incerteza que não pode ser reduzida. Além disso, posto que não se pode antecipar resultado, a experiência não é um caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem “pré-ver” nem pré-dizer”. (2002, p.28)

Considerando a importância do assunto, espero que mais pessoas, estudiosos e pesquisadores da infância e do brincar tenham a oportunidade de conhecer a Te-Arte, ressaltando que a escola recebe pessoas de todo Brasil e também do exterior para a realização de pesquisa sou simplesmente para conhecer uma proposta de educação diferenciada.

Assim, acredito que essa proposta de educação traz a experiência do vivido, a contemplação da simplicidade e o respeito a uma fase tão importante do desenvolvimento humano, a infância. Narrar essa experiência é minha contribuição para com a Educação Infantil!

REFERÊNCIAS:

ALARCÃO, Isabel. **Escola reflexiva** – Métodos de Investigação Educativa. Porto Alegre. Ed. Artmed, 2011, p.18.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. 2002, p. 19-169.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: formação pessoal e social**. Brasília. MEC/SEF, v.1 e 2.1998.

BITTONI, Dulcília Schroeder. **De volta ao Quintal Mágico: A educação na Te-Arte**. São Paulo. Ed. Ágora, 2006.

Cátia, caderno de campo 2018.

CUNHA, Nylse Helena Silva. **Brinquedoteca: um mergulho no brincar**. 2. ed. São Paulo: Maltese, 1994.

DELORY-MEOMBERGER, Christine, **Biografia e educação: figuras do indivíduo projeto**. Ed. Natal, RN: EDUFRRN, 2014.

FERREIRA-SANTOS, Marcos. O cinema e as possibilidades do real. São Paulo, Ed. Kepos, 2014. P. 71-104.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 42, reimpressão. p. 36 São Paulo: Paz na Terra, 2010.

FRIEDMANN, Adriana. **O Direito de brincar: a brinquedoteca**. São Paulo. Ed. Scritta ABRINQ, 1992.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. In: Ensaio: aval. Pol. Publ. Educ., Rio de Janeiro, v. 14, n.50, p. 31-32, jan./mar. 2006.

HEVESI, Katalin. Relações através da linguagem entre a educadora e as crianças do grupo. In: FALK, Judit (Org.). **Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy**. 2 ed. Araraquara, SP: Junqueira&Marin, 2011. p. 53-62.

<http://dicionariompb.com.br/tiao-carvalho/biografia> Acesso em 14/02/2019.

https://www.edushifts.world/assets/ebooks/EDUshiftsNow_BP.pdf Acesso em 19/02/2019

LIBÂNEO, J.C. **Pedagogia e Pedagogos**. Para Que. 5. 65 ed. São Paulo:Cortez, 2002.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Registros na Educação Infantil: Pesquisa e prática pedagógica**. Campinas-SP: Papirus, 2017.

PASSEGI, Maria da Conceição. **A experiência em formação**. In. Educação, Porto alegre, v.34, n.2, p. 147-156, maio/ago. 2011.

PERDIGÃO, Andréa Bomfim. **Sobre o Tempo**: um livro com entrevistas com vários autores. São José dos Campos, SP, Ed. Pulso, 2010.

PIMENTEL, Alessandra. Vygotsky: uma abordagem histórico-cultural da Educação Infantil. In: Oliveira. Formosinho, Júlia; KISHIMOTO, TIZUCO M; PINAZZA, Mônica A. **Pedagogia(s) da infância**: dialogando com o passado, construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007. 219-248.

PINAZZA, Monica Appezato. John Dewey: inspirações para uma Pedagogia da infância. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. Et al. **Pedagogia(as) da infância**: dialogando com o passado, construindo o futuro. Porto alegre: Artmed, 2007, p. 66-94.

SCHWARTZ, Yves. **A experiência é formadora?** Revista Educação e Qualidade. Vol 35, n.1, p. 35-48, jan,abr. 2010.

SEMENTES do nosso quintal. Direção Fernanda Heinz Figueiredo. São Paulo, Brasil. Documentário. Color, 118 minutos, 2012.

WILLMS, Elni Elisa. **Escrevivendo: uma fenomenologia rosiana do brincar**. Tese de doutorado. São Paulo: FE-USP, 2013.

APÊNDICE



Universidade Federal de Mato Grosso
Câmpus Universitário de Rondonópolis
Instituto de Ciências Humanas e Sociais
Departamento de Educação - Curso de Pedagogia

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Na condição de professora do Curso de Pedagogia do Departamento de Educação, da Universidade Federal de Mato Grosso, Câmpus de Rondonópolis, neste momento como Professora Orientadora do “Trabalho de Conclusão de Curso – TCC”, apresento a nossa estudante **Cátia Mara Soares Garcez Ribeiro**, matrícula 201511612042, CPF 895.228.501-87, RG 1741659-0, Residente na Cidade Rondonópolis-MT, para que possa fazer observação participante na Casa de Recreação Te-Arte, localizada à Rua Tomás Gonçalves, 138 - Vila Gomes, São Paulo. Para seu TCC Cátia Mara tem feito estudos sobre os fundamentos do brincar, já assistiu ao “Documentário *Sementes do Nosso Quintal*”(FIGUEIREDO, 2012), leu, em partes, a tese *Escrevivendo* (WILLMS, 2013) e o livro *De volta ao quintal mágico* (BUITONI, 2006), produções que tratam da experiência diferenciada da Te-Arte, sob direção da Educadora Thereza (Therezita) Soares Pagani. O **objetivo da visita** e observação é para que a estudante possa ter uma experiência vivida com a Te-Arte e sua forma de trabalho e organização, a fim de trazer esses elementos como experiência de campo para seu TCC cujo título inicial é **A proposta de educação da Te-Arte que subjaz ao Documentário Sementes do nosso quintal**. A estudante compromete-se a enviar uma cópia do TCC para a Te-Arte, após sua finalização. Como professora, coloco-me à disposição por meio do telefone e WhtasApp 66 9 8127 9633 e e-mail elnielisaw@gmail.com para qualquer eventualidade e esclarecimento.

Agradeço a recepção e a possibilidade de ampliar os estudos sobre a Te-Arte, local onde realizei a minha pesquisa de doutorado e onde pude aprender sobre como realizar uma Educação Infantil respeitosa para com às crianças, seus familiares, o ambiente e a comunidade, agora como orientadora do TCC desta estudante da UFMT/Câmpus de Rondonópolis, difundindo esses conhecimentos e saberes aqui no MT.

Cordialmente,

Profa. Dra. Elni Elisa Willms

SIAPE 1534667